



REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

FORÇAS ARMADAS POPULARES DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

MINISTÉRIO DA DEFESA

ESTADO MAIOR GERAL

(COMISSARIADO POLITICO NACIONAL)

O F R A C C I O N I S M O



LUCIO LARA

# O FRACCIONISMO

PUBLICAÇÕES G.A.M.A. — MINISTÉRIO DA DEFESA

Edição do:

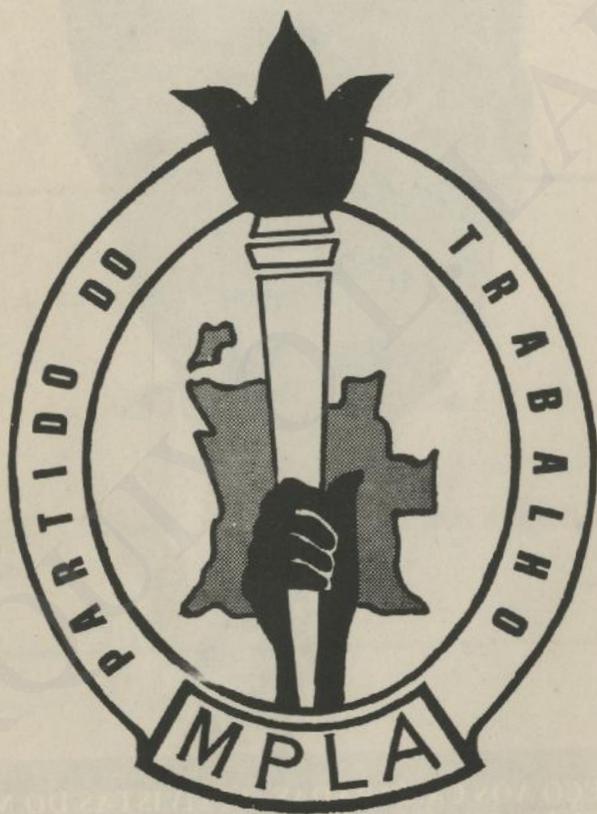
**Comissariado Político do E.M.G. das F.A.P.L.A.**

**— SECÇÃO DE AGITAÇÃO E PROPAGANDA —**



“...PEÇO AOS CAMARADAS, ACTIVISTAS DO MOVIMENTO, MEMBROS DOS COMITÉS DE ACÇÃO E GRUPOS DE ACÇÃO, DE ACORDO COM AS DECISÕES TOMADAS HOJE PELO COMITÉ CENTRAL, FAÇAM UM COMBATE VERDADEIRO E SÉRIO CONTRA TODOS OS FRACCIONISTAS QUE ENCONTRAREM NO SEU CAMINHO...”

Camarada Presidente ANTÓNIO AGOSTINHO NETO -  
21/5/1977



# DECLARAÇÃO DO BUREAU POLÍTICO SOBRE O FRAC- CIONISMO

O 5.º Plenário do Comité Central do MPLA acaba de tomar decisões de extrema importância, que devem ser claramente compreendidas e levadas à prática por todos os militantes do MPLA.

Depois de apenas um ano e meio de independência, que tantos sacrifícios custou à totalidade do nosso Povo, são bem visíveis hoje as enormes conquistas já obtidas. A restauração da dignidade do nosso Povo, o respeito que por ele manifesta todo o mundo, o reforço da unidade nacional, a conquista para as mãos do Povo de grande parte das riquezas do País, a decisão inabalável de reforçar a nossa defesa, o prosseguir na reconstrução nacional aplicando os princípios do socialismo científico, são já factos marcantes do caminho justo seguido pela Revolução Angolana.

A opção socialista definida pelo 3.º Plenário revela a responsabilidade da classe operária de conduzir o nosso processo revolucionário aliada aos camponeses e aos intelectuais revolucionários em conjunto com a pequena-burguesia patriótica. A unidade nacional

tem de ser preservada a todo o custo.

Mas há um tempo para cá, ao mesmo tempo que o imperialismo procura infiltrar os seus agentes armados, outras forças se manifestam que procuram fomentar o divisionismo no nosso Povo, não só explorando preconceitos tribais, regionais ou raciais, mas fomentando sobretudo o confucionismo ideológico.

Para fomentar o divisionismo no seio do nosso Povo muito têm contribuído grupos fraccionistas que, á semelhança do que já aconteceu no passado desenvolvem uma actividade a coberto do MPLA mas fora das suas estruturas, procurando contestar a linha política do Movimento, o seu Comité Central e o Governo da RPA.

Os componentes dessas fracções quase sempre revelam uma fraca consciência política e ideológica, um espírito de grandes sabedores e de grandes teóricos, papagueiam muitas palavras de difícil entendimento para o nosso Povo, não contribuem para o estudo e para a solução dos problemas concretos mais prementes, adulteram a dinâmica da luta de classes em proveito de si próprios e não em proveito das classes que dizem defender.

O fraccionismo, que é um mal que ocorre em todos os Partidos revolucionários, manifesta-se sobretudo pelo aparecimento de grupelhos de ambiciosos e oportunistas, procurando contestar, sob pretextos diversos, a orientação dos organismos dirigentes, falsificar o conteúdo da linha política do MPLA e lutar pela hegemonia

e pelo controlo de toda a organização.

O fraccionismo exprime-se pelo desprezo fundamental dos princípios do centralismo democrático que, numa organização revolucionária obrigam ao cumprimento das decisões da maioria, mesmo pelas minorias discordantes.

O fraccionismo procura minar a confiança das massas nos dirigentes utilizando a calúnia ou explorando as dificuldades que ainda existam na produção, no abastecimento, nos transportes, na educação, na saúde. Em vez de procurar contribuir para melhorar os diferentes sectores em que se processa a reconstrução nacional, o fraccionismo sabota as medidas positivas procurando provocar assim o descontentamento das massas.

O fraccionismo utiliza a verbocorreia pseudo-revolucionária para confundir as massas e esconder a incapacidade dos fraccionistas de se dedicarem à solução dos problemas mais urgentes que afligem o nosso Povo, como a defesa do País contra as actuais provocações e infiltrações armadas, o aumento da produção e a melhoria da distribuição dos bens essenciais, a reorganização da saúde e da educação, a revalorização da cultura nacional.

## COMO SE MANIFESTOU ULTIMAMENTE O FRACCIONISMO

A semelhança do que já fizeram os fraccionistas de outras épocas, os novos fraccionistas utilizam a sua condição de militantes para insidiosamente desvirtuar as orientações dos órgãos de direcção, caluniar os dirigentes e criar estruturas clandestinas que procuram sobrepor a sua acção, a dos verdadeiros Grupos de Acção ou Comité de Acção, a quem procuram conquistar para a sua actividade fraccionista.

Os novos fraccionistas conseguiram montar uma organização clandestina a partir de um "Secretariado" criado no antigo DOM Nacional pelo Camarada Nito Alves. Esse "Secretariado", dirigido por Cita Vales, recrutou "activistas" que, após uma preparação especial, iniciaram um trabalho de organização rigorosamente clandestino, cuja estrutura só mais tarde se veio a descobrir. Essa estrutura tocava todos os sectores de Luanda, desde o sector operário ao sector bairros, e ramificava-se por algumas províncias organizações de massas e Forças Armadas.

Fingindo combater outros grupos fraccionistas, e escondendo-se sob a capa de um "marxismo-leninismo" verbalista, os novos fraccionistas escudavam-se numa fingida devoção a este ou aquele país amigo, não hesitando mesmo em visitar certas Embaixadas

onde se ampenhavam em caluniar o MPLA e certos militantes e dirigentes do MPLA.

Usando e abusando de uma fraseologia demagógica resultante da leitura mal assimilada dos clássicos do marxismo-leninismo, os novos fraccionistas iludiam as massas e os militantes, classificando este e aquele militante ou este ou aquele dirigente, de "direita", de "esquerdista", de "maoísta", de "anti-Soviético", de "Socialista Nacional", de "Social-Democrata", camuflando assim a sua ideologia de essência reacionária, regionalista e racista.

Os novos fraccionistas aproveitavam algumas reuniões dos Grupos de Acção ou dos Comitês do MPLA para lançarem a dúvida sobre a justeza da linha política do Movimento e sobre a idoneidade do Comité Central do MPLA, ou sobre o Governo da R.P.A., a quem atribuíam as dificuldades que o País atravessa.

Utilizavam todos os meios para recrutar elementos para a sua estrutura clandestina, que reunia secretamente e dava directivas divisionistas, aproveitando certos factos da vida nacional.

Isso aconteceu, por exemplo em plena 2.<sup>a</sup> guerra de libertação, a 6 de Fevereiro de 1976, quando se iniciava a grande contra-ofensiva, sobre as posições sul-africanas, em que a pretexto da suspensão de um programa de rádio denominado "Kudibanguela", não hesitaram em montar uma manifestação de protexto contra o Governo. É o mesmo grupo fraccionista que há pouco tempo, a pretexto de uma busca normal em dois bairros,

procura lançar as massas contra o Bureau Político, contra às FAPLA, contra o Governo, contra a DISA e contra o "Jornal de Angolà", sob uma argumentação cheia de falsidades e de inspiração reacionaria.

Foi notório o aproveitamento que a reacção fez de uma tal situação, utilizando os fraccionistas e em particular Nito Alves, como sua própria bandeira. Isso aconteceu, por exemplo, com elementos como Nito Alves, Galiano e Santos que, violando todas as regras de disciplina partidária, editaram publicações panfletárias em que, uma vez mais, utilizam desavergonhadamente a arma da calúnia para denegrirem órgãos do MPLA, do Governo, bem como alguns dirigentes e militantes. Todas essas calúnias nunca foram expostas nas reuniões normais dos diferentes organismos do Movimento. No entanto, tais panfletos foram profusamente distribuídos, comentados e difundidos através das já referidas estruturas clandestinas dos novos fraccionistas. Neles se pretende sobretudo fazer crer que alguns membros do Bureau Político do MPLA são maoistas e anti-soviéticos, numa intenção obscura de abalar a indestrutível amizade que liga o MPLA ao Partido Comunista da União Soviética e o Povo Angolano ao Povo Soviético. Nito Alves chega a difamar o próprio Comité Central e, numa atitude de presunçosa vaidade, não hesita em falar de uma pesada e inadiável responsabilidade que a história teria colocado sobre os seus ombros.

Os panfletos revelam mesmo que os novos

fraccionistas montaram uma "rede de segurança" que procura apoderar-se de documentos secretos que não hesitam divulgar.

Também a JMPLA foi alvo das manobras dos novos fraccionistas que instilaram o seu confucionismo ideológico em certos ex-responsáveis da Juventude, levando-os também a eles atitudes de indisciplina e desrespeito pelos órgãos de direcção do MPLA. Em todo este confucionismo ideológico sobressai uma constante, que é a incapacidade que todos os fraccionistas têm em distinguir o MPLA, um Movimento, de um Partido da Classe Operária. As numerosas citações concretas do Partido em determinado condicionalismo histórico que nada têm a ver com a ideia que pretendem defender. Deturpam-se assim os clássicos do marxismo-leninismo, prejudicando o benefício que os militantes do MPLA poderiam tirar da sua teoria e prática correctamente analisadas.

Ultimamente, na sua ânsia de pressionar o Comité Central, os novos fraccionistas revelaram toda a sua estratégia e a sua táctica para uma tomada de poder, pondo a descoberto alguns dos seus organismos clandestinos em determinadas empresas, no sector da função pública e nos bairros. Caída a máscara revolucionária, ficou a descoberto a ideologia pequeno-burguesa, tribalista, racista e confucionista que inspirou todo este processo.

Todos estes problemas foram objecto de profunda análise pelo 5.º Plenário do Comité Central que decidiu reforçar a unidade no seio do

MPLA e reforçar a unidade nacional, desencadeando prontamente um combate implacável contra o fraccionismo no seio do MPLA e contra o divisionismo no seio do Povo. Não pode haver um combate sério contra as forças imperialistas nem contra a reacção interna sem um MPLA unido e fortalecido pela coesão ideológica.

Não pode haver um combate sério contra o imperialismo e contra a reacção interna sem uma aplicação correcta dos princípios internacionalistas que o nosso Povo soube assimilar e praticar tão vigorosamente.

O Bureau Político do Comité Central do MPLA engaja todos os militantes e aderentes, todos os combatentes, todos os membros das organizações de massas a desencadearem um amplo trabalho de esclarecimento e de desmascaramento dos novos fraccionistas para que, reforçada a unidade, possa todo o MPLA mobilizar-se em torno das actuais tarefas prioritárias no campo da Defesa, da Reconstrução Nacional, da Preparação do Congresso e da Criação do Partido marxista-leninista.

Combatendo o fraccionismo deve cada militante dedicar todo o seu esforço, toda a sua capacidade a contribuir para uma melhoria das condições de vida do Povo, em particular no aumento da Produção e na normalização da distribuição.

Como disse o Camarada Presidente "que todos os militantes do MPLA, que todos activistas, que todos os membros dos Comités e Grupos de Acção de acordo com as decisões do Comité

Central , façam um combate verdadeiro e sério contra todos os fraccionistas que encontrarem no seu caminho”.

Luanda 26 de Maio de 1977

### **O Búreau Político do C.C. do M.P.L.A.**

#### **A LUTA CONTINUA**

#### **A VITÓRIA É CERTA**

## **DECLARAÇÃO DO COMITÉ CENTRAL SOBRE A SUSPEN- ÇÃO DOS FRACCIONISTAS ZÉ-VANDÚNEM, NITO ALVES E OUTROS**

O Comité Central do MPLA reuniu-se de 20 a 21 de Maio de 1977 na cidade de Luanda, para analisar problemas decorrentes de actividades fraccionistas.

Depois de ouvido o Relatório da Comissão de inquérito nomeada para o efeito pelo III Plenário do Comité Central e tendo-se debruçado profundamente sobre a problemática do fraccionismo e seus reflexos no seio do MPLA e do Povo, constatou:

- a) A existência, de facto, do Fraccionismo.
- b) Que este fraccionismo apresentando-se com uma capa aparentemente revolucionária visa realmente dividir o MPLA e desviar conseqüentemente o Povo dos verdadeiros objectivos da etapa actual da Luta: A Reconstrução Nacional e a Defesa da integridade territorial do País, contra o imperialismo.
- c) A difusão de ideias erradas no seio dos militantes e do Povo e a fomentação de

actividades agitadoras contra membros do Comité Central, organismos do Estado e do MPLA, tais como a DISA e o Bureau Político com o objectivo de abalar a coesão do MPLA e a unidade da Nação.

d) Que esta actividade fraccionista é dirigida pelos Camaradas (ALVES BERNARDO BAPTISTA (Nito Alves) e JOSÉ JACINTO DA SILVA VIEIRA DIAS VAN-DÚNEM (Zê VanDúnem) e outros.

Após longo debate com base nos princípios estatutários do MPLA em que não se verificou da parte dos Camaradas acusados a aceitação da auto-crítica o Comité Central decidiu:

Afastar das suas funções de membros do Comité Central os Camaradas ALVES BERNARDO BAPTISTA (NITO ALVES e JOSÉ JACINTO DA SILVA VIEIRA DIAS VAN-DUNEM (ZÉ-VAN-DUNEM).

Luanda, 21 de Maio de 1977.

O COMITÉ CENTRAL DO MPLA

## **DISCURSO DO CAMARADA PRESIDENTE AGOSTINHO NETO SOBRE O FRAC- CIONISMO, PROFERIDO NO DIA 21/5/1977, NA CIDADELA**

Camaradas militantes:

“Camaradas membros da Comissão Diretiva de Luanda”:

Camaradas , membros dos grupos de Acção:

Cheguei um pouco atrasado porque o Comité Central esteve reunido durante estes dois últimos dias para resolver alguns problemas relacionados com o fraccionismo.

Hoje chegamos a conclusão.

O fraccionismo foi condenado pelo Comité Central e dois Camaradas membros do Comité Central foram afastados do Comité.

São os Camaradas Nito Alves e Cda. José Van-Dúnem. (aplausos)

E se durante estes tempos, que vão anteceder ao Congresso, outros Camaradas ou indivíduos se revelarem fraccionistas, também serão afastados do Movimento.

---

## **TEMOS ESTADO A SER DIVIDIDOS POR FORÇAS EXTERNAS**

Camaradas: Esta é a razão porque eu cheguei atrasado a esta reunião, em que vejo muitos

militantes ansiosos por ouvir uma explicação sobre a situação do País.

E a explicação que devia ter sido dada, há já muito tempo, há alguns meses, é esta: é que temos estado a viver uma situação de divisionismo no País.

Temos estado a ser divididos, como o Povo Angolano, por forças externas, por forças que não estão enraizadas em Angola.

Temos estado a ser divididos.

Nós. E eu tenho repetido isto várias vezes, em todas as ocasiões em que tenho a oportunidade de me dirigir aos Camaradas militantes e ao Povo.

Nós devemos conservar a unidade nacional.

Sem unidade não há Reconstrução Nacional.

Sem unidade não há harmonia. E esta unidade deverá ser sob a condução, sob a orientação da Classe Operária. A Classe Operária dirige.

Mas não pode de maneira nenhuma isolar-se de tal maneira que todo o resto da população das outras classes sem condução, combatendo as outras classes.

Isso não pode ser.

Há pequenos -burgueses, há intelectuais, que, enfim, vamos fazer-lhe a honra, lêem muitos livros, lêem um livro, à noite, no dia seguinte pensam que já podem falar da mesma maneira que o autor do livro: e há certa confusão de ideias.

A Revolução não é isso, a Revolução é nós apercebermo-nos, nós mesmo aqui em Angola, qual é o problema fundamental que estamos a defrontar neste momento, o que é melhor para o Povo, o que é melhor para a Classe Operária, como é que vamos defender o Povo, como é que

vamos defender a Classe Operária para que ela seja dirigente do processo revolucionário no nosso País.

Alguns Camaradas pensam que é preciso, antes de mais nada, fazermos um combate entre nós mesmos

---

## **NÃO PODEMOS DESENVOLVERO NOSSO PAÍS SEM O CAMPESINATO**

Por enquanto, não se fala muito dos camponeses que são o elemento essencial para a realização da ideia proletária em Angola.

Não se fala muito deles.

Os camponeses são um pouco esquecidos. Os camponeses são um elemento essencial para o desenvolvimento do nosso País.

Não podemos desenvolver o nosso País sem o Campesinato.

Não haverá Revolução Socialista, sem o Campesinato.

Não haverá ninguém que tenha comodidade, aqui neste País, sem o campesinato.

Mas esquece-se

Fala-se so da Classe Operaria. Porquê?

É dos livros... Nós, no Comité Central, temos estado a pensar se, de facto, esta via é uma via correcta.

Não são as pessoas. São as ideias.

São as ideias. Quais são as ideias que comandam o MPLA?

Dentro de pouco, não sei se este ano - eu agora já

ponho interrogações - não sei se será este ano, ou no ano que vem, vamos realizar o Congresso.

---

## **PARA SE SER MEMBRO DO PARTIDO É PRECISO REUNIR UM CERTO NÚMERO DE CARACTERÍSTICAS**

Não haverá no partido tantos militantes como estão aqui.

Não é possível. Para ser membro do Partido é preciso reunir um certo número de características.

Aqui devem estar algumas centenas de católicos. Não podem ser do Partido.

Devem estar algumas centenas de protestantes. Não podem ser do Partido.

Eu, que não sou católico nem protestante, serei do Partido.

Mas quanto mais, quantos mais membros do MPLA, serão membros do Partido marxista-leninista?

Quantos mais? E quando eu digo isto, quero dizer, então, vamos acabar com o MPLA ou vamos deixar o MPLA?

Formar-se o Partido, sim. Mas, deixemos o MPLA. É a minha ideia, porque no MPLA está toda a gente. Todos aqueles que querem a independência, aqueles que querem lutar por uma Angola socialista, estão dentro do MPLA.

Os católicos, fiquem dentro do MPLA. Não vamos acabar com o MPLA.

Formar-se o Partido. Talvez daqui a cinquenta anos já não haja mais igrejas. Mas por enquanto,

há religião.

E, muitos de nós, até aqueles que dizem: " eu não sou religioso ", às escondidas, nos Domingos, vão a igreja, vão confessar tudo ao padre, vão orar, vão rezar.

Temos religião. Temos de facto. Não podemos esconder.

Há religião aqui em Angola. Não vamos estar a fingir que não há.

Por isso é que eu penso, a maioria dos Camaradas do Comité Central pensa, que nós vamos conservar o MPLA.

Todos podem pertencer ao MPLA. E vão defender as suas ideias.

Aqueles que querem continuar católicos, continuam católicos. Os protestantes continuam protestantes. Só os "Jeovás" é que não.

Porque há algumas religiões, " jeovás", "tocoístas", que são contra o Estado Angolano. Isso não pode ser.

E os camaradas que são membros dos Comités de Acção, dos Grupos de Acção do MPLA: acho que devem ter isto em consideração. Precisamos de não ser sectários.

Não pensarmos que nós somos os únicos, os melhores. Somos os bons e todos os outros são maus. Não é assim.

Nós temos que considerar que, entre nós, sim, defendemos determinadas ideias, defendemos o socialismo, defendemos as ideias correctas para o progresso do nosso Povo, mas não digamos que todos os outros têm ideias erradas. Não vamos combater, simplesmente porque queremos

Vamos compreender os outros, compreender os outros. Isto é essencial.

Quando encontro alguém na rua, que não tem as mesmas ideias que eu, que raciocina de maneira diferente, eu tenho simplesmente que fazer com que ele compreenda aquilo que eu estou a sentir. Não vou andar à pancada com ele. Não vamos fazer uma guerra, em Angola, porque há diferenças ideológicas, porque há diferenças políticas. Não, vamos discutir. E muitos camaradas que se dizem revolucionários, mais revolucionários do que quaisquer outros, estão sempre a fazer menção ao debate ideológico.

Ontem e hoje, na reunião do Comité Central - permito-me fazer uma inconfidência - perguntei: Mas aonde é que está o debate ideológico? Já fizemos algum comício, para fazer algum debate sobre a linha ideológica que nós devemos seguir? Não! Nas reuniões que nós fizemos, já fizemos algum debate ideológico? Não!

Então que espécie de debate ideológico é que nós queremos? Com quem?

Quando estamos na presença de pessoas, não dizemos nada. Quando chegamos à casa, escrevemos um panfleto a dizer: "é preciso debate ideológico"!

O que é que isto quer dizer? Quer dizer que o debate ideológico faz-se no quarto de dormir....

## **É GRAVE O MOMENTO QUE NÓS ESTAMOS A VIVER AQUI NO PAÍS**

Camaradas :

O momento que nós estamos a viver, aqui no País é grave.

Estamos, num momento, em que é possível uma Invasão, por forças estrangeiras, a partir do Zaire. Quem é aqui, em Luanda, que está preparado para pegar na arma e marchar para a frente de combate, para combater os zairenses, que podem penetrar no nosso País?

Estamos a falar, a falar mas quem é que vai pegar na arma para defender a nossa Angola? Muitos vão pegar. Se eu perguntasse, aqui, todos levantam o braço. Mas.....e o resto da população! Iríam todos?

Camaradas :

Estamos num momento grave, no que respeita a situação interna.

Os camaradas sabem muito bem. O problema do abastecimento é grave.

Não ha mandioca, nem batata, nem ginguba, nem óleo de palma. Não há nada no mercado. Nem peixe.

Há peixe-espada.....Esta situação não agrada ninguém. Não agrada a ninguém. Nós passamos ali pelo Jumbo. Vemos as longas bichas, a quantidade de gente que está ali para comprar coisas que não existem.

Bom, eu não vejo ninguém, aqui, sem uma camisa

e uma calça. Toda a gente tem, estão bem limpos, bem vestidos, bem apresentados.....Mas será que o nosso Povo, todo de Angola, está assim? Não está !

---

## OS QUE NÃO SERVEM AS REGRAS DO CENTRALISMO DEMOCRÁTICO

Camaradas :

Nós condenamos hoje o fraccionismo dentro do Movimento.

Isto quer dizer que aqueles que não servem às regras do centralismo democrático, dentro da organização, não podem pertencer aos organismos da direcção do MPLA.

Com esta condenação , nós condenamos o facto de ter existido, um secretariado de organização que não obedecia, as regras de organização do MPLA, mas que funcionava por conta propria.

Com esta decisão, nós condenamos todos aqueles que, nas fábricas nas empresas agricolas, dizem que são membros do MPLA, mas que não o querem declarar porque ainda é necessário manter a clandestinidade. Esses não são nossos militantes.

Não dumá outra coisa qualquer: Podem-lhe chamar o que quizer, \*mas não são militantes do MPLA. Quem é militante do MPLA deve declarar-se junto dos organismos, dos Departamentos do MPLA.

E é ali que ele é reconhecido. É ali que é inscrito. É ali que ele funciona, através das directivas que vem dos Departamentos do MPLA.

Os clandestinos não são membros do MPLA. Poderão ser membros saudosistas da "FNLA". Poderão ser membros saudosistas da "UNITA". Poderão ser elementos que pensam ter a vocação histórica de fazer a Revolução completa, em Angola, mas não são membros do MPLA. Assim nós o pensamos. Assim nós decidimos hoje.

---

## ESTAMOS COM OS CAMARADAS SOVIÉTICOS

Alguns camaradas dizem que nós somos contra a União Soviética, que nós somos anti-soviéticos, que eu sou anti-soviético.

Queria dizer, aqui, aos camaradas militantes que lêem os panfletos, que têm saído aí,- e nos últimos dias parece que há mais papel aqui na praça, saem muitos papéis- que nós temos uma longa história de luta, uma longa história de luta. Eu vou dizê-los aqui públicamente: não há nenhum militante mais fiel à causa socialista que os membros tradicionais da direcção do MPLA. E não é por uma questão sentimental. Não é por sentimento. Não é por questões subjectivas. Nós sabemos o que é a União Soviética. Sabemos. Quando nós começamos aqui a luta armada organizada, não o 4 de Fevereiro de 1961 que ainda foi um início um pouco desorganizado, mas quando começamos a luta armada organizada, a União Soviética esteve do nosso lado. Ajudou-nos e todos os outros países socialistas.

Tivemos uma ajuda preciosa, impressionante, da

União Soviética: armas, munições, alimentação, fardas, botas, medicamentos.

A nossa guerrilha foi alimentada não somente pela União Soviética, mas também por outros países socialistas. Mas a contribuição da União Soviética foi grande.

Nós não podemos esquecer isto. Não podemos esquecer que se nós obtivemos a independência foi porque tivemos o apoio de países como a União Soviética. Só se não tivessemos nenhuma compreensão, nenhum sentido, da marcha da História, é que seríamos anti-soviéticos.

**Não podemos ser anti-soviéticos porque, objectivamente, estamos com os camaradas soviéticos. Estamos com eles.**

Fazem-nos muitas críticas do exterior, dizendo que Angola está submetida à orientação Soviética, que a União Soviética é que comanda em Angola. Isso é completamente mentira.

E, pelo menos enquanto a Direcção Política (do MPLA) estiver a dirigir este País, nós vamos, sempre, defender a nossa Independência e o nosso Não-Alinhamento.

Camaradas :

Se amanhã, o camarada Embaixador da União Soviética vier pôr-me qualquer problema difícil, a primeira questão que eu lhe vou dizer é que aguarde algumas horas e, como habitualmente, vou primeiramente reunir o Bureau Político, para discutir se devemos ou não devemos aceitar as propostas que nos são feitas.

Nós é que decidimos. Esse é o princípio fundamental da nossa independência. Nós não aceitamos o comando de quem quer que seja.

Nós é que mandamos aqui, neste País.

Nós não somos comandados por ninguém.

Temos aqui milhares de camaradas cubanos, que nos dão a sua ajuda em vários domínios. Mas se um imperialista qualquer ou agitador, algum especulador, algum provocador, me vier dizer que eu sou comandado pelos Cubanos, respondo imediatamente que não!

Aqui, quem manda, é o Bureau Político do MPLA. Sou eu, Presidente da República Popular de Angola e do MPLA. É o Comité Central do MPLA!

Portanto, camaradas, eu quero significar com estas palavras que há tantas calúnias que se espalham dentro e fora contra Angola, que de vez em quando nós temos que elevar a nossa voz para defender este Povo que conquistou a sua Independência, com tanto sacrifício durante catorze anos.

---

## O IMPORTANTE É SER-SE MILITANTE HOJE

Agora, põe-se o problema: quem é que é militante? Quem é que não é militante? Quem é que é do 25 de Abril"? Quem é que não é do 25 de Abril"?

Para alguns camaradas, isso tem muita importância. Para alguns camaradas tem muita importância saber se começou depois; se combateu aqui ou se combateu acolá.

Para mim, não tem importância. Para mim, o que é importante é ser-se militante hoje.

Hoje é que é necessário ser-se militante. Não e ontem Porque muitos dos nossos camaradas dizem: " eu fui um preso político, estive em S. Nicolau, estive na cadeia de S. Paulo, etc...".

A gente pergunta, depois, e qual foi o seu comportamento, meteu da sua célula na cadeia ou não?"

o que é necessário é que agora, agora diante das tarefas actuais, nós sejamos militantes. E o que é ser-se militante hoje?

Ser militante hoje significa, no parecer do Comité Central, contribuir de uma maneira válida para a reconstrução do nosso País; construir na agricultura ( Estou a ver todos estes camaradas Podem fazer lavras ali no Golfe. Oque seria o Golfe? Não tem tempo todos? São burocratas.....Se tivéssemos autocarros, esta noite mesmo iámos todos os que estão aqui, num autocarro fazer lavras, plantar mandioca ali no Golfe. Bem. Havíamos de ver quem é revolucionário. E quem não é.)

Ser revolucionário , hoje, é contribuir para a Reconstrução Nacional, é contribuir para a Defesa Nacional. Não é mais do que isso. Dizer palavras, é facil. Fazer aquilo que as palavras significam , é pouco mais difícil.

Estou a falar, assim, porque estou diante dos militantes de Luanda.

---

## **A D.I.S.A. É UMA INSTITUIÇÃO DO ESTADO POPULAR**

Temos este aspecto fundamental que é a defesa

do País. Outro dia, camaradas da DISA fizeram buscas **em dois** bairros.

Houve protestos. Protestos bastante violentos. Porque? Já tinham sido feitas outras buscas e já tinham sido apanhadas armas em outros bairros. E, houve pedidos para se recuperarem as armas que estavam nos bairros, que são um perigo. Foram encontradas armas, poucas, munições, foram encontrados estupefacientes, liamba, foi encontrado dinheiro estrangeiro, dólares, foram encontradas outras mercadorias que não deviam estar em casas particulares.

A partir daí começou-se a fazer um movimento de agitação contra a DISA, dizendo que a DISA maltratava que a DISA é como a PIDE como o Poeira, que a DISA maltratava, que a DISA fazia e que desfazia. Seria isso verdade? Não! Não é verdade.

Até disseram que a DISA tinha roubado jóias de senhoras que, coitadinhas, estavam em casa e, a certa altura, ficaram sem as suas pulseiras de ouro, os seus colares de ouro, etc ...

Fez-se a investigação. Havia uma, havia uma camarada, uma, em todo o Sambizanga, que disse: " Bom eu não sei se foram as FAPLA, que levaram o meu colar, o meu colar de ouro, que custa agora 16.000 Kuanzas, desapareceu; mas só dei por isso dois dias depois ".

Quer dizer, não tem provas nenhuma, não pode afirmar absolutamente nada. E no entanto, os panfletos que circulam por aí dizem que foi a

DISA, porque agora é moda atacar a DISA.

Se eu estiver, em casa, aborrecido com a minha mulher, ataco a DISA...

É assim, camaradas, não é de outra maneira qualquer porque qual é o Estado, neste mundo, que vive sem Polícia? Onde é que existe esse Estado que vive sem Polícia?

Claro que os nossos jovens, os nossos rapazes que estão a fazer a DISA são inexperientes, ainda não conhecem bem todas as regras, as técnicas. Temos que desculpá-los, por isso, como eu também tenho de ser desculpado, porque não sou um político exemplar.

Mas atacar a DISA, porque ela é uma instituição do Estado Popular da República Popular de Angola, isso não é justo.

Isso quer dizer que são os bandidos que querem estar livres, para poderem fazer aquilo o que querem dentro do nosso País.

---

## **COMBATER A FALSA FACÇÃO PROGRESSISTA, COMBATER A REACÇÃO**

A D.I.S.A. tem de existir. Vai continuar a existir. E vamos fazer mais buscas nos bairros, para ver se já puseram lá armas que esconderam da outra vez.

É claro, não se encontraram muitas armas. Mas estavam lá. Nos sabemos que estavam lá as armas. Esconderam. Quando souberam que estamos um pouco menos vigilantes, vão pôr armas lá nos seus armários. E então, a gente vai

apanha-las. É só assim que se combate a falsa facção progressista.

É só assim que se combate a reacção.

---

## **ATAQUES QUE NÃO SÃO JUSTOS CONTRA MILITANTES CONSEQUENTES**

A partir daí, utilizando os argumentos que eu expus no início desta intervenção, começou-se um combate contra o Comité Central e sobretudo contra alguns membros do Comité Central.

Esse combate não é justo.

Quando há camaradas que combatem o camarada Lucio Lara, isso não é justo.

O camarada Lúcio Lara esteve no Movimento desde a fundação desta organização, que é o MPLA.

Participou nos actos principais da nossa vida organizativa. Durante a guerra, esteve numa região de guerra, no Moxico.

Muitos daqueles que falam, hoje, nunca estiveram numa região de guerra. O camarada Lúcio Lara esteve numa região de guerra, ali combateu.

Esteve como encarregado dos serviços de Educação da Província do Moxico, durante a guerra. É preciso não ignorarmos os factos.

Esteve em Cabinda durante a Guerra.

Estivemos ali juntos quando fizemos as Assembleias Regionais, quer da primeira e segunda Regiões, como da IIIª Região, dentro de Angola, em condições de guerra.

O camarada Lúcio Lara esteve lá. E muitos

daqueles que falam não estavam lá. Estavam à espera...

O camarada Iko Carreira foi sempre um dos nossos melhores comandantes ( um pouco preguiçoso, mas enfim, vamos desculpar-lhe esta preguiça).

O camarada Iko Carreira, durante muito tempo, não sei quantos anos, foi o comandante das nossas tropas no Luso, quando ainda estávamos a fazer guerrilha. Esteve lá. Bombardeamentos, tiros, ataques, emboscadas. Ele esteve lá.

Como é que hoje vamos dizer ao camarada Iko Carreira, " vá-se embora porque já não é preciso".

Não pode ser ! É que alguns camaradas que o atacam não o conhecem bem. Não o conhecem.

O camarada Dilolwa, também é muito atacado nos últimos tempos. Eu não sei se temos ,em Angola, algum economista que seja melhor do que o camarada Dilowa. Não sei. Pelo menos não conheço.

E o camarada Dilolwa esteve no Moxico, na parte norte do Moxico, durante anos como responsável da Educação.

Ele fez ali as cartilhas, na mata. Fez as suas aulas na mata. Não é dos camaradas fisicamente mais dotado.

Não é. Tem deficiências físicas. Mas esteve lá. E quando eu, lá fui visitá-lo tive de andar três dias, à pé, para poder chegar à base onde ele estava. Ele era o responsável da educação lá na parte norte do Moxico. Como é que nós vamos desprezar este camarada. É um camarada fiel, responsável,

inteligente, conhecedor das coisas.

Quando ainda estávamos a fazer a guerra, o camarada Ludy esteve na Lunda, Era um responsável na Lunda, membro do Comité Director (naquela altura era o Comité Director) .E fez a guerra na Lunda . É um camarada que deu todo o seu trabalho...E sabem quantos dias era necessário marchar para ir desde a fronteira oriental, a fronteira com a Zâmbia, até à Lunda? Dezanove dias! Este camarada esteve lá e , agora , ataca-se o camarada Ludy. Não pode ser! Não pode ser camaradas. Estes são valores históricos que nós temos da nossa revolução, que devem permanecer connosco, que devem continuar a contribuir para a Revolução. Poderíamos citar , aqui muitos nomes , de homens e mulheres, que deram a sua contribuição para a Revolução, durante a luta contra o colonialismo. Não o farei porque senão seria muito longo.

## **NÃO PODE HAVER FACÇÕES DENTRO DO M.P.L.A.**

Acho, portanto, camaradas , que é preciso ter uma certa prudência quando falamos. Precisamos de saber como é que as coisas se passaram: quem é que fala, porque é que fala.

E vamos dar um combate serio ao fraccionismo.

Um combate serio ao fraccionismo. Não pode haver facções dentro do MPLA! Ou se é do MPLA ou não se é do MPLA. Quem não está de acordo sai. Esta é uma ditadura e se for necessário tomar medidas mais duras, nós vamos tomar medidas mais duras. Mas quem comanda

aqui é o MPLA.

Bom, agora é hábito atacar a pequena burguesia. A burguesia, muitas vezes quer dizer mestiços e brancos. Quem é mestiço é pequeno-burguês. Quem é branco é pequeno-burguês. Os pretos são todos prolétarios... Eu digo isto para combater esta ideia errada. É uma ideia errada. Não é nada disso. A ideia de classe não tem nada a haver com o problema da cor da pele. Não tem nada a haver com a cor da pele. Há operários brancos, há operários mestiços, há operários pretos. E, também há os burgueses pretos. Há burgueses pretos, que mandam cada carro... que a gente até fica admirada: "donde é que vem este carro tão bonito que nem o Presidente da República tem?". Não ha nada, não ha relação imediata e logica entre a cor da pele e a condição de classe. Não há. O branco que se encontra em Angola, para alguns é da pide. O mestiço é da OCA... O preto é do MPLA. Esta é uma posição extrema. Claro que há brancos que são mesmos reaccionarios, pela sua mentalidade, porque sofreram um processo de educação diferente daquele que nós sofremos. Ha mestiços que têm complexos de superioridade. Pensam que eles é que devem ocupar os lugares superiores aos dos pretos. E há pretos que têm complexos de inferioridade. Pensam que devem ser sempre humildes, para poderem avançar na vida. Mas nós vamos combater tudo isso. Não vamos confundir as coisas, isso não é a Revolução. A Revolução é outra coisa. A Revolução significa que nós vamos transformar as

condições materiais da existência de todos os angolesanos, sejam eles quais forem: Significa que nós vamos colectivizar a produção, que nós vamos acabar com as diferenças de classes, que nós vamos acabar com a exploração do homem pelo homem, isto é o Socialismo. E, a cada um, segundo o seu trabalho.

Agora se nós começarmos a dividir o Povo à base da cor da pele, estaremos a fazer um mau trabalho. Alguns contra-revolucionários e ultra-revolucionários; porque estão agora todos juntos. Os contra e os ultra estão juntos; podemos dizer os ultra-contra-revolucionários - pensam que devem combater o MPLA e pensam que este camarada que vos fala aqui não pode defender a classe operária angolana, porque a sua mulher é branca, porque os seus filhos são mestiços. Alguns dizem, outros não dizem. Mas é isso, eu verifico. Ninguém melhor do que eu está em posição de defender todos.

## VAMOS DEFENDER A UNIDADE NACIONAL

Estamos perante um fenómeno, principalmente aqui em Luanda, onde existiram muitas "ilhas revolucionárias", ilhotas.

Existiram os Cacs, existiram os Hendas, existiram os Ocas, existiram outros que não se sabe bem como é que se chamam e agora cada um

quer ter a supremacia.

Bom, alguns já foram afastados, outros ainda não foram afastados.

Precisamos de ter muita cautela, camaradas.

Vamos defender a Unidade Nacional.

Só dentro da Unidade Nacional é que nós poderemos reconstruir o País.

Só com a Unidade Nacional é que nós poderemos defender este País.

Só com a Unidade Nacional é que nós poderemos fazer com que o Povo, de facto, compreenda o que é a a Revolução e como é que deveremos proceder dentro da Revolução.

Doutra maneira será extremamente difícil.

Poderemos demitir todos os ministros.

Dizer " todos os ministros saem, venham outros". E vão fazer melhor ? Nas condições actuais, vão fazer melhor ?

Eu não acredito, até porque será uma equipe que não terá experiência.

## **FAÇAMOS UM COMBATE SÉRIO CONTRA OS FRACCIONISTAS**

Poderemos acabar com o MPLA. Faça-se um outro Movimento. Esse movimento vai proceder melhor do que o MPLA ?

Não acredito, porque não tem experiência, não tem história.. O MPLA tem história. Tem uma

história gloriosa, triunfante.

Comecei a dizer aos camaradas que me desculpassem por ter vindo um pouco atrasado. Foi por causa da reunião do Comité Central, em que nós tomamos certas decisões que os camaradas aplaudiram.

Agora só peço a todos os militantes do MPLA, a todos os activistas, a todos os membros dos Comités, dos Grupos de Acção que façam um combate verdadeiro e real, um combate sério, contra todos os fraccionistas que encontrarem pelo seu caminho.

Aqueles que forem encontrados.....Vou repetir: Peço aos camaradas, activistas do Movimento, membros dos Comités e Grupos de Acção que, de acordo com as decisões tomadas hoje pelo Comité Central, façam um combate verdadeiro e sério contra todos os fraccionistas que encontrarem no seu caminho.

Muito obrigado

## **A REVOLUÇÃO TEM QUE SER DEFENDIDA PELO POVO ANGOLANO E EM SEU PRÓPRIO BENEFICIO !**

Queria hoje afirmar, mais uma vez, a nossa disposição, a disposição do Comité Central do MPLA, do Bureau Político, de continuar na via revolucionária, de fazer com que o Povo Angolano siga o caminho para o Socialismo. Esse caminho é difícil. É o caminho que, não somente apresenta certas dificuldades, mas que oferece também algumas incompreensões, por parte de elementos do nosso Povo. Quando se fala de socialismo, que é que nós devemos entender?

Temos uma série de Países Capitalistas, Países Ocidentais, que estão contra nós. Países que estão contra nós e que não querem, portanto, que nós sigamos esta via. Temos países amigos, e embora amigos, são países que não compreendem bem a nossa opção. Isso chama o ódio de alguns países, de alguns responsáveis Africanos, de alguns elementos, no nosso mundo actual, que estão de acordo. Mas nós estamos dispostos a seguir esta via.

Nos últimos dois dias, nós debatemos aqui em Angola, alguns problemas, que dizem respeito à nossa vida nacional. Problemas , que dizem

respeito ao Povo Angolano, problemas que dizem respeito ao MPLA e a nossa organização política. Alguns camaradas desorientaram-se. Pensaram que a nossa opção seria dirigida contra eles, que a nossa opção seria contra os seus próprios interesses individuais e de grupos. E portanto, começaram agitar-se.

E assim, hoje houve uma certa perturbação, da parte da manhã, aqui no nosso País, e, concretamente, na nossa cidade de Luanda que não corresponde, de maneira nenhuma, aos sentimentos gerais de todo o Povo. Nós seguimos isto. Nós seguimos a agitação que se manifestou. Alguns camaradas compreenderam, ficaram apreensivos, alguns camaradas não compreenderam bem o que se passava. Mas eu queria dizer a todos os Compatriotas, e aos camaradas, que é necessário não perder a nossa calma quando estamos diante de tais factos. Porque é necessário nós defendermos esta Revolução. A Revolução tem de ser defendida pelo Povo Angolano. E se não é defendida nós vamos perder. Esta Revolução que é defendida pelo Povo Angolano naturalmente tem de resultar em benefício para o Povo Angolano, e não para outro qualquer.

E essa manhã o que se pretendeu, o que foi? Pretendeu-se demonstrar que já não há revolução em Angola, que já não há revolução porque os fraccionistas tinham sido expulsos do Movimento ou tinham sido afastados do Comité Central, como o José Van-Dúnem e Nito Alves. Será assim? Eu acho

que não. Nós não podemos pura e simplesmente limitar a actividade do Movimento, a actividade do Comité Central às pessoas cuja actividade está, evidentemente, contra a organização, contra a sua linha unitária.

Eles foram expulsos e, na minha opinião, foram muito bem expulsos do Comité Central. E terão de fazer um grande trabalho de reabilitação para poderem regressar às fileiras do Movimento como dirigentes.

Eu penso, por outro lado, que tudo aquilo que aconteceu hoje, e que poderá repetir-se amanhã, ou depois, é um facto terrível. É terrível porque nós perdemos vidas. Há homens que morreram hoje, há mulheres que ficaram feridas. Quem é responsável? Desde sempre nós denunciámos a questão do fraccionismo. Porque razão não discutir dentro dos organismos do Movimento os problemas que afectavam este ou aquele sector, que afectavam esta ou aquela pessoa? Na prática é assim que nós devemos proceder. Devemos discutir dentro da organização. Mas não foi essa a prática que alguns camaradas pretenderam seguir. E portanto; nós hoje confrontamo-nos com esta situação: vamos permitir ou não o fraccionismo?

Ontem o Bureau Político fez uma declaração esclarecedora acerca do fraccionismo e acho que isto é suficiente, não é necessário dizer mais nada. Mas acho também que é necessário que o nosso Povo esteja vigilante, que não permita uma actividade qualquer contra o MPLA, contra a direcção do MPLA, contra o Governo, contra os

organismos do Estado, sem que haja um consenso sobre a própria organização, na direcção do País.

E eu penso que os factos que ocorreram hoje e que fizeram perder vidas farão com que nós tomemos medidas, talvez não muito agradáveis, em relação a determinados indivíduos, que pensam deter, nas suas mãos, toda a verdade sobre a política do nosso País.

Eu penso que o nosso Povo vai compreender porque razão nós agiremos com uma certa dureza, porque razão nós agiremos de maneira drástica, em relação a indivíduos que agiram hoje com má fé, que agiram hoje de maneira a perturbar até a calma na nossa capital, dando portanto ocasião para que o imperialismo possa, novamente, atacar o nosso Movimento, o nosso Povo e o nosso País. Camaradas, era isso que eu queria dizer. E espero que as medidas que serão tomadas pelo Comité Central, em relação àqueles que perturbaram a paz no nosso País, em relação àqueles que quiseram liquidar o nosso Movimento àqueles que pegaram em armas para destruir o MPLA, sejam bem compreendidas”.

## **NÃO HAVERÁ PERDÃO NEM TOLERÂNCIA PARA ESTES ALIADOS DA REACÇÃO**

“Não haveria grandes motivos para uma nova comunicação ao País, depois daquela que eu fiz, há alguns dias, se na cidade de Luanda não vivéssemos alguns dias, se na cidade de Luanda não vivéssemos alguns acontecimentos que consideramos graves.

Esses acontecimentos são graves, porque provocaram a perda de vidas humanas. Quer dizer que os fraccionistas, que nós condenamos há pouco tempo não hesitaram em matar os nossos camaradas, em matar nossos compatriotas, para poderem ter o caminho livre.

Esta é uma situação que nos obriga, evidentemente, a tomar determinadas posições; que nos obriga a reflectir sobre o que é este fraccionismo.

Confirma-se desta maneira, embora seja uma maneira bastante dolorosa, que existe o fraccionismo. Que quando nós dizíamos que havia organizações paralelas no País, dentro do MPLA, nós tínhamos razão. Essas organizações vêem-se agora, estão claras, estão presentes. E

confirma-se, também, a violência, que caracteriza a sua actuação, o racismo, o tribalismo, o regionalismo, que caracterizam todas as organizações reacionárias.

Temos, agora, todas as provas. E lamento que nós, só neste momento, possamos dar provas factuais da existência dessa corrente, que actuou sempre contra o nosso Movimento e, principalmente, contra alguns dirigentes do nosso Movimento.

Alguns dos nossos camaradas, até esta hora, ainda não foram encontrados. Não sabemos se estão mortos, se estão vivos. São camaradas que deram toda uma vida para a independência do nosso País, que deram toda uma vida para a liberdade do Povo de Angola. Neste momento, não sabemos bem onde estão, porque foram raptados, foram levados para lugares que nós ainda não conhecemos bem. Eles serão encontrados. Os seus corpos serão encontrados se estiverem mortos. Eles serão encontrados se estiverem vivos.

Mas, o que é certo é que tudo isto provoca uma divisão do Povo. Era isto, exactamente, o que nós atacávamos, era isso que nós combatíamos, que sempre combatemos. É que a divisão provoca a violência e a violência conduz a estas situações, que não ajudam ao socialismo no nosso País. É claro que, como defensores intransigentes do nosso Povo, desta nossa Pátria angolana, nós teremos de agir com clareza com aquela firmeza que caracteriza o MPLA.

Hoje, todos eles, os fraccionistas, aqueles que dirigem o fraccionismo fugiram da Capital, estão

escondidos. Amanhã serão encontrados. Eles serão encontrados e, depois haverá os julgamentos, haverá o veredicto do Movimento haverá, portanto, a justiça.

Neste momento - em que nós estamos a combater contra forças que nos atacam do exterior — é muito estranho que os esquerdistas, os ultra-revolucionários venham combater-nos a nós também. É muito estranho.

Que espécie de alianças há? Que espécie de combinações existem? É muito difícil ver, neste momento, quais são as ligações que existem, de facto, entre essa gente. Mas dentro de dois, três meses, nós conheceremos tudo.

Espero que o nosso Povo, o Povo Angolano, espero que, principalmente, a população de Luanda, não confunda esta situação com a luta de libertação nacional que fizemos, durante longo tempo, contra o colonialismo Português.

Esta situação é provocada por ambiciosos, por nossos compatriotas que não quiseram compreender a linha de orientação nacional, a orientação que nós estamos a seguir, que conduz, seguramente, à Unidade Nacional.

Espero, por outro lado, que aqueles que se encontram enganados diante dos assassinatos que foram feitos hoje, diante dos crimes que foram praticados, reflectam acerca do futuro do nosso País.

Aproveitou-se de tudo, do abastecimento, da falta de transporte, enfim de muitas outras coisas e, finalmente, era para defender duas ou

três figuras que hoje não são senão defensores da reacção. Porque ninguém me pode vir dizer que esses camaradas, ou ex-camaradas, estão a defender a Revolução. Estão sim a defender a contra-revolução. Estão a defender a reacção.

Espero camaradas, que esta noite nós possamos descobrir muitas coisas e, no momento oportuno, alguém da Direcção do nosso País, ou do nosso Movimento, fará a comunicação pública sobre aquilo que descobrimos.

E quero também dizer, mais uma vez, que não haverá para aqueles que se introduziram numa luta contra o MPLA qualquer espécie de contemplação, qualquer espécie de perdão. Nós falamos da tolerância aqui há meses. Mas essa tolerância não foi interpretada no seu devido sentido e, agora, não há mais essa oportunidade. Não há mais tolerância. Nós vamos proceder duma maneira firme, e dura.

## **É PRECISO QUE OS ASSASSI- NOS PAGUEM PELOS CRIMES PRATICADOS**

### **CAMARADAS, COMPATRIOTAS**

Hoje, cumpre-me um doloroso dever de comunicar ao País, comunicar ao Povo Angolano, que os camaradas Dangereux, Comandante Paulo Silva Mungongo, membro do Comité Central do MPLA, do Estado Maior Geral das FAPLA e do Conselho da Revolução; o Comandante Eugénio Veríssimo da Costa (N'Zagi), membro do Comité Central do MPLA, do Estado Maior Geral das FAPLA e do Conselho da Revolução; o Major Saydi Vieira Dias Mingas, membro do Comité Central do MPLA, Ministro das Finanças da República Popular de Angola e membro do Conselho da Revolução; o Comandante Eurico Manuel Correia Gonçalves, membro do Estado Maior Geral das FAPLA e do Conselho da Revolução; o Comandante José Manuel Paiva (Bula), membro do Estado Maior Geral das FAPLA e do Conselho da Revolução; e Helder Ferreira Neto, membro da DISA, foram assassinados ontem.

Como nós prevíamos, haveria que verificar o destino, dado pelos contra-revolucionários, aos camaradas que desapareceram.

Há algumas duvidas sobre o desaparecimento de outros : António Garcia Neto, Director dos Assuntos Económicos do Ministério das Relações Exteriores, e outros camaradas entre os quais Pioneiros.

Diante destes factos, diante de crimes que foram perpetrados friamente (tendo os camaradas sido mortos,provavelmente,a tiro e depois queimados, os seus corpos foram encontrados carbonizados em viaturas) diante de crimes que nos lembram o fascismo, que nos lembram os crimes da acção da FNLA, é só no sentido de dizer que, em primeiro lugar, os esquerdistas, os radicalistas, os ultra-revolucionários,utilizam quase sempre os mesmos métodos que os reaccionários.

Não há diferença. E, nós estamos convencidos que a única maneira de combater esta onda que apareceu em Luanda, é fazer com esses indivíduos que hoje desapareceram e, certamente estão aqui em Luanda, sejam encontrados e sejam, depois entregues à justiça.

Alguns daqueles que participaram neste crime já estão presos. Dentro de pouco tempo, nós diremos qual será o destino que será reservado à esses indivíduos. Certamente não vamos perder muito tempo, com julgamentos,. Nós vamos ditar uma sentença. Não vamos utilizar o processo habitual, que não seria justo, quando de uma maneira tão evidentemente fascista, elementos se comportam, aqui, como defensores da

Revolução. Não pode ser. Seremos o mais breve possível, para podermos resolver esses problemas e, vamos tomar decisões segundo a Lei Revolucionária.

Eles foram à Cadeia de S. Paulo e quiseram libertar os mercenários que estavam lá. Quer dizer, se os mercenários quisessem saíam da cadeia, pela pressão das armas, pela pressão, enfim de toda a gritaria, de toda a acção psicológica, que se fez. Se eles quisessem, os mercenários, saíam da cadeia. Saíam da cadeia, indivíduos que praticaram crimes. Saíam da cadeia indivíduos que são acusados de terem praticado delitos comuns.

É claro, tudo isto não pode deixar de influenciar o comportamento da Direcção, da Direcção do País, da Direcção do MPLA e da acção do Estado Angolano.

Como desde ontem tenho estado dizer, a nós seremos, infelizmente, bastante duros. Tanto mais que essa situação começa a ser explorada pelos nossos inimigos. No plano internacional, começa a ser falada em instabilidade em Angola, de uma certa agitação, embora tudo seja mal traduzido. Não há uma clareza na informação, o que é normal. Começa-se a falar das nossas relações entre Angola, União Soviética, Cuba, problemas que não estão em causa, neste momento. Não há alteração nenhuma na linha política. Não há alteração nenhuma nas nossas relações.

Mas o que é facto, é que elementos da "FNLA", elementos da "FLEC", elementos da "UNITA", e

se os mercenários quisessem, também teriam sido soltos das cadeias.

Criminosos saíram das cadeias. E dizem, com isto que estão a libertar os patriotas "consequentes"... Não haja nenhuma ilusão para aqueles **que** ainda estão nessa posição. As posições do MPLA, são bem claras. A linha de orientação é bem clara: nós sabemos bem onde vamos e com quem vamos. Nós estamos plenamente convencidos, de que esses elementos, que praticaram os crimes, não se afastaram muito. Estão aqui em Luanda. e se não estão em Luanda, estão perto de Luanda. Portanto, é necessário que a população de Luanda faça todo um esforço para detectar onde é que eles estão, para depois pagarem pelos seus crimes. Estarão nalguns bairros bem conhecidos. Toda essa agitação começou no Sambizanga. É possível que haja ramificações para algumas províncias, mas não para todas. Portanto, o nosso Povo deve contribuir, com a sua vigilância, para encontrar os responsáveis pelos crimes que foram praticados. É preciso encontrar imediatamente o mais brevemente possível, Nito Alves e José Van-Dúnem. É preciso que aqueles que assassinaram dirigentes do MPLA paguem pelos seus crimes. E, estou absolutamente certo que o nosso Povo vai contribuir para encontrar a solução justa para este problema.

Nós vamos , evidentemente, detectar, pelos varios serviços, pelos vários organismos do Estado, do Movimento, organismos privados, elementos que contribuíram para essa situação. Hão-de se encontrar. Vamos encontrar nas

FAPLA. Vamos encontrar no CPPA. Vamos encontrar, na DISA. Vamos encontrar em todos os organismos, elementos que não compreenderam o verdadeiro sentido da Revolução em Angola. Todos eles pagarão. Todos eles pagarão pelos seus crimes.

Não podemos deixar que elementos que querem destruir o Estado Popular de Angola fiquem livres. E dizendo isto, talvez amanhã haja alguns elementos que vão correr, para as matas, para se esconder. Mas não ficarão lá muito tempo. Nós vamos encontrá-los.

Lamento a morte de camaradas que deram a sua contribuição para a Independência de Angola, que combateram na Segunda Região, na Primeira Região, na Terceira Região, na Quarta, na Quinta Região e que hoje desapareceram duma maneira terrível. Foram queimados.

Como é que a Revolução se pode conciliar com esta violência, com esta falta de humanidade ? Como ?

Somos de facto revolucionários todos, ou estamos a contribuir para que a reacção esteja aqui dentro do nosso País ?

Por isso, camaradas, hoje, eu apenas, neste comunicado queria dizer que, me sinto bastante triste. Sinto-me triste por causa do desaparecimento dos camaradas que foram assassinados. Por outro lado, também me sinto revoltado e, certamente, este crime será pago por aqueles que o praticaram.

**“Muito obrigado, Camaradas”.**

## DISCURSO DO CAMARADA PRESIDENTE SOBRE OS ACONTECIMENTOS DE DIA 27 DE MAIO DE 1977

### CAMARADAS, COMPATRIOTAS:

Cada vez se vão esclarecendo mais ligações, políticas e militares de Nito Alves e José-Van-Dúnem, para a realização de um golpe de Estado na República Popular de Angola. Não posso, neste momento, apresentar o relatório completo daquilo que a investigação já conseguiu obter. Isto será feito daqui há alguns dias. Não posso ainda, anunciar a prisão de todos aqueles que estão em questão, implicados nesta intentona. Mas posso, no entanto, dizer que certos dirigentes do Movimento estavam claramente implicados para a realização dum golpe de estado na República Popular de Angola. Neste momento há centenas de presos, sómente na cidade de Luanda, e há muitos outros nas Províncias. E todos eles prestam declarações, todos eles informam.

Uma das coisas que nós dissemos, a uma certa altura, foi que o Comissário Político das FAPLA, Bakalof, estava ligado ao fraccionismo.

Eu creio que todo o nosso Povo se lembra da anulação duma sua declaração, que já estava relacionada com esse golpe de estado. Bakalof está desaparecido. Evidentemente, como os outros todos, está na clandestinidade.

E, também, Monstro Imortal está detido, porque como nós já temos a certeza ele participou em muitas actividades contra o Governo da República

Popular de Angola. Vários elementos do Comissariado Político das FAPLA, também foram detidos, e, aqui em Luanda, eu posso dizer que ainda outros elementos serão, nos próximos dias, detidos, porque participaram activamente nesta actividade fraccionista. Só não foram detidos, até agora porque saíram dos seus locais habituais de residência.

Esses elementos fraccionistas tinham constituído uma direcção política. Tinha constituído um comando operacional, ao qual também pertenciam elementos do Destacamento Feminino, e tinham mobilizado, para a actividade política, alguns Comissários Provinciais. Nós exoneramos o Comissário Provincial de Luanda. O Comissário Provincial de Malange está detido, neste momento, estamos a investigar acerca doutros. Tinha alguns elementos na OMA alguns elementos na JMPLA (que desapareceram), alguns elementos na UNTA e nas FAPLA.

Para os camaradas compreenderem bem o processo que se estava a tentar organizar, no nosso País, contra o regime socialista da República Popular de Angola, eu devo apenas

dizer que as intrigas, as provocações foram alguns dos elementos que constituíam a tónica nos últimos dias. No entanto, devo dizer que, por exemplo, na P.M. (Polícia Militar), em que o comandante se chamava Veloso, agora, foram encontrados cento e oitenta mil escudos,(180.000\$00), não Kwanzas, escudos. Estavam nos cofres e que deviam servir para pagar salários aos Camaradas das FAPLA, aos Camaradas da Polícia Militar. A média dos salários, aos camaradas das FAPLA, é de três mil e quinhentos escudos, agora Kwanzas. Não pagou. Deixou essa importância, que foi levantada no Banco, no Cofre, para caluniar o Estado Maior Geral e poder, portanto, fazer propaganda contra o mesmo Estado Maior Geral das FAPLA. O que é certo é que nós temos esta importância connosco.

Tanto na sua forma de assassinatos, a crueldade com que trataram alguns dirigentes, como na sua essência, toda esta acção é reaccionária. Não tenhamos dúvidas sobre isto. Tudo isto é reaccionário.

Talvez a reacção em Angola, tivesse aproveitado a ocasião para, também fazer o seu golpe. Foram aproveitadas as nossas dificuldades materiais, a questão dos abastecimentos. Mas tudo mostra que, de facto, a atitude é reaccionária. E nós temos de combater essa reacção, que se apresenta, ou à direita ou à esquerda. E vamos fazê-lo. quais eram os objectivos? Eram os de substituir todo o aparelho do Estado, substituir os camaradas que dirigem o País, neste

momento, tanto no Estado, como no Movimento, e colocar aqueles que hoje estão em fuga.

Algumas comunicações, que vêm do estrangeiro, algumas rádios que fazem propaganda internacional falam duma participação Cubana na repressão.

Não há nenhuma participação cubana. Nós estamos, sim, ligados a Cuba por acordos para a defesa desta Revolução. Ora, algumas rádios internacionais dizem que nós estamos, cada vez mais, submetidos à União Soviética.

Eu creio que se se disser a algum cidadão, aqui em Luanda, que nós estamos cada vez mais submetidos à União Soviética, naturalmente que isso choca, porque os camaradas Soviéticos nem sequer aparecem. Estão fora desta contenda.

Sim, os camaradas cubanos estão connosco. Nós sabemos, fielmente, directamente. E não há nenhuma clivagem entre Angolanos e Cubanos. Não há. Estamos ligados por laços que não podem ser destruídos. Mas é falso dizer-se que foi por causa da presença dos camaradas Cubanos, em Angola e exclusivamente por essa causa, que esses bandidos foram esmagados e serão neutralizados. Temos uma cooperação política, económica, temos uma cooperação excelente, uma cooperação, até alegre, com todos os camaradas dos países socialistas e se há uma exploração dessa situação é simplesmente porque se deseja ver Angola separada dos países socialistas. Isto nós não aceitamos. Isto nós vamos defender com todas as nossas forças.

É claro que há estrangeiros que estão implicados

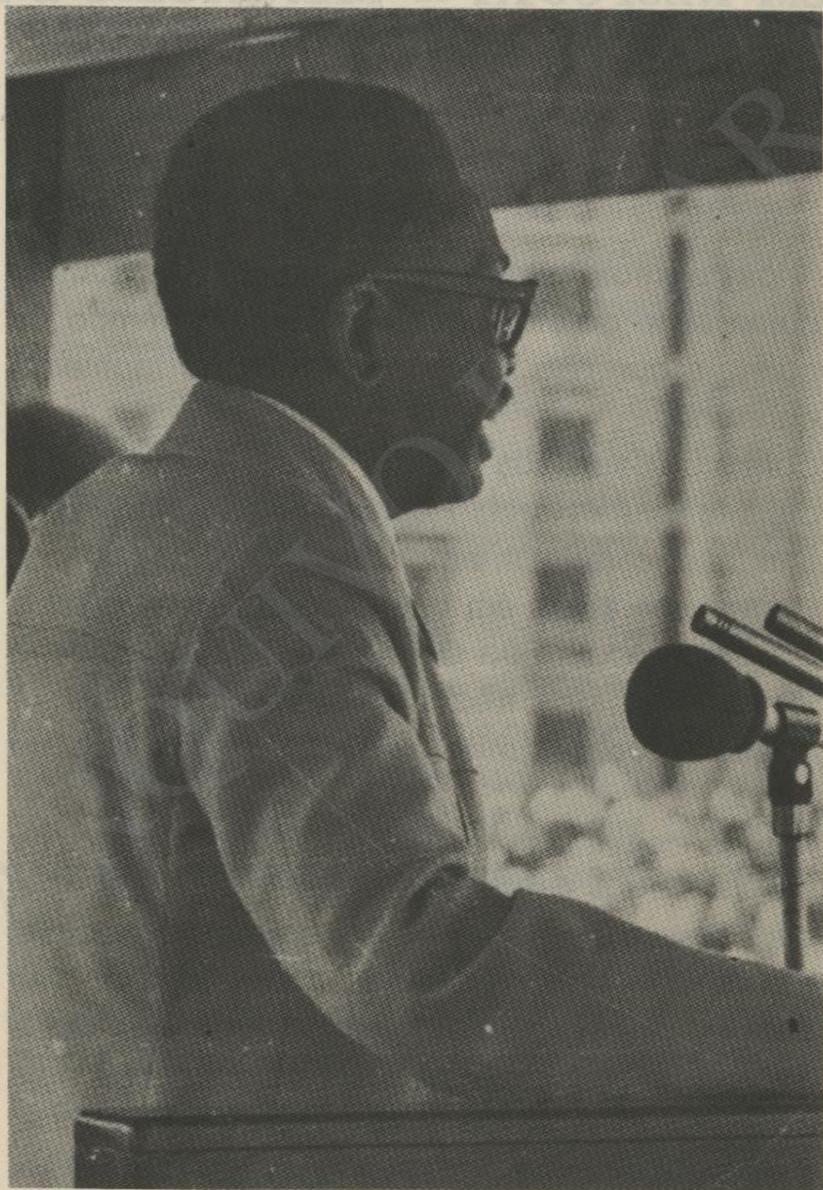
neste processo. Não vou os mencionar hoje. Vou mencionar mais tarde. Há estrangeiros que andaram a incitar, andaram a ver se a desestabilização do nosso processo revolucionário se pode fazer o mais depressa possível, que andaram a provocar uma certa situação de insegurança psicológica no nosso Povo, principalmente em Luanda, onde estão as Embaixadas. No entanto, eu posso dizer aos camaradas, que esses intentos não foram conseguidos.

E agora, a questão é para o nosso Povo encontrar as cabeças desta contra-revolução, encontrar as cabeças desta tentativa de golpe. Eles estão mergulhados em caves, estão escondidos. Mas é possível, com o auxilio de todo o povo, saber de facto onde estão, encontrá-los e fazer justiça. E é dessa maneira que a Luta Continua e a Vitória será Certa. E não me venham dizer que, procedendo assim, nós estamos a defender uma direita no País. Não é isso. Não há direita que resista a uma esquerda unida. Mas a direita avança quando a esquerda está dividida. E o que quiseram fazer-nos, aqui, era dividir a esquerda, dividir os progressistas, dividir os nacionalistas, em dois grupos para que a direita pudesse avançar mais depressa. E isso nós não podemos, de maneira nenhuma, admitir. Não podemos aceitar.

### **Camaradas e Compatriotas :**

Não vamos simplesmente, pensar que é necessário dar um combate sério aos fraccionistas. Mas

vamos actuar duma maneira prática em cada bairro, em cada cidade, em cada sanzala, em cada kimbo. Vamos procurar os reaccionários. Desde que eles apareçam, vamos fazer justiça.



## **DISCURSO DO CAMARADA PRESIDENTE AGOSTINHO NETO EM RESPOSTA À MENSAGEM DO POVO MOÇAMBICANO**

“Nós tivemos estes acontecimentos resultantes duma série de situações que vêm do tempo da guerra e que não foram resolvidos no momento oportuno.

Como o Camarada Sérgio sabe, Angola teve durante a luta, várias Regiões, várias tendências que não comunicavam umas com as outras. Houve uma altura em que nós quisemos fazer a comunicação entre a Quarta Região e a Primeira Região e os nossos camaradas foram massacrados no limite ocidental da província da Lunda.

Alguns camaradas estiveram muito tempo na cadeia, outros camaradas desapareceram, mas o que é certo, é que nós sofremos naquele momento perdas e portando houve uma divisão dos indivíduos que dirigiam a luta em várias Regiões, alguns dos quais são aqueles que hoje estão em fuga. Eu não disse “camaradas” porque, finalmente, estamos a ver que nem todos

eram realmente camaradas.

E agora, depois da independência, começaram a revelar-se as ilhas políticas que nós temos aqui em Angola. Ilhas políticas que tinham ideias diferentes e a confrontação que se fez agora é uma confrontação entre radicais e os camaradas que seguem a linha do Movimento. Os radicais são apoiados pelos extremistas de Portugal, ainda tem relações muito íntimas com Portugal. São indivíduos que funcionaram sempre dentro das ideias dum esquema e, extremista, de organização.

A confrontação principal aqui é que nós defendemos a unidade nacional. Eles não, eles gostariam de ver uma Classe Operária a governar sozinha e combatendo, continuamente, as outras classes.

Eu não concebo isto, não houve da parte de nenhum País Socialista uma atitude dessas. E se nós não estamos de acordo com certas práticas sociais e políticas duma pequena-burguesia, dum campesinato, isso não significa que devemos abandonar. É preciso dirigir para ter todo o Povo junto.

Um dos pontos que foi atacado muito frequentemente foi a questão racial. Esses indivíduos pensavam que era preciso retirar brancos e mestiços da Direcção e isso justifica alguns ataques individuais em relação a certos

dos nossos camaradas dirigentes. E é extremamente infeliz que, neste momento, em que nós acabamos apenas de assistir a confrontações militares junto das nossas fronteiras, na fronteira oriental e nós fomos atacados na fronteira Sul, pelos sul-africanos, em Santa Clara, que tenha havido esta coincidência mas o que é certo é que há estrangeiros que estão implicados neste processo. Há estrangeiros implicados neste processo.

Portanto, eu penso que o Povo de Angola não vai continuar a ter uma posição que possa complicar ainda mais o nosso processo de reconstrução e vai, como eu faço agora, agradecer aos camaradas de Moçambique que vieram aqui para se informar e para nos trazer o seu apoio.

Portanto, a Luta Continua.

Muito obrigado.

---

## OS CRIMINOSOS NÃO SERÃO PERDOADOS

“Espero que desta vez, embora tenhamos alguns problemas no nosso País por vezes são avolumados no exterior seja possível discutir algumas questões particulares que dizem respeito às nossas relações bilaterais.

Entre S.Tomé e Angola criam-se laços desde a luta de independência. Eu creio que esses laços,

depois das afirmações que foram feitas em várias ocasiões, para o seu desenvolvimento, eles serão realmente desenvolvidas.

Sim, estamos num contexto especial, contexto particular no nosso continente e no Mundo. Há uma luta contra a independência dos povos africanos, pela permanência dos colonialistas, agora sob a forma de neocolonialismo.

Nós vamos resistir a isso. Vamos resistir, também, a certas formas de apresentação desse mesmo problema do neocolonialismo, por exemplo, o esquerdismo.

Portanto, camarada José Flete talvez nos queira dizer alguma coisa. Pois será melhor eu passar-lhe os microfones”.

---

## **A AMIZADE QUE SE CRIOU ENTRE OS NOSSOS DOIS POVOS É INDESTRUTIVEL**

O Camarada Presidente Agostinho Neto, voltou a usar a palavra:

“Eu creio que a amizade que se criou entre os nossos povos é indestrutível nós vamos consolidar a fraternidade entre os nossos povos. Temos de consolidar, também a posição dos países progressistas em África, porque temos de acautelar os interesses dos povos.

Nós somos responsáveis e várias áreas da África têm a sua confiança em nós: S. Tomé,

Moçambique, Guiné-Bissau, Angola. E por isso, nós somos responsáveis. Temos de construir para a libertação dos outros povos. Temos que contribuir para a não desagregação dos problemas em diferentes esferas, que nós temos aqui em Angola, problema económico, problema social e problema político.

Neste momento em que os camaradas, de uma maneira amiga, nos vêm visitar, eu devo dizer que nós não estamos inquietos, por causa da situação que se criou. Nós combatemos os elementos que quiseram modificar o regime transformando-o num regime esquerdista e, talvez, maoista. Nós não estamos de acordo com essa linha de pensamento. E, neste momento, estamos a combater, de uma maneira enérgica, todos aqueles que se apresentam com esta face. Evidentemente que as faces facilmente mudam e dificilmente se encontram aqueles que são os verdadeiros responsáveis.

Estamos a fazer uma investigação aprofundada. Durante esta investigação, que já começou no dia 27, nós encontramos alguns elementos, elementos que são responsáveis, que confessaram a sua determinação de derrubar este regime, que confessaram também, a sua ligação com estrangeiros e que se candidatavam para substituir o Governo, e não só o Governo, o Comité Central do MPLA, o Bureau Político, o Conselho da Revolução. Enfim, todos. Indivíduos que foram presos revelaram o seu racismo. Eram

contra os mestiços. Eram contra os brancos angolanos. Portanto, queriam aqui uma ditadura Preta. Essa era a questão. Era instaurar uma Ditadura Preta.

Não, nós não estamos de acordo. Nós pensamos que é necessário garantir para o povo angolano uma certa unidade. Temos que garantir para o nosso Povo que todos possam conviver, que todos possam contribuir para a reconstrução e depois para o desenvolvimento deste País. Foi isto que nós pensamos.

A partir do exterior há muitas notícias. No exterior especulam. Cada um interpreta como quer a sua compreensão. O problema angolano, até porque nós estamos agora em foco, em África. Mas eu quero dizer que nós não temos respondido às opiniões do exterior exactamente porque não é necessário. A nossa actuação prática vai ser a resposta. Nós não deixaremos de seguir a linha de orientação que foi traçada pelo MPLA, que é favor do Povo, é pelo Socialismo, é pela defesa intransigente das conquistas obtidas.

Portanto, os acontecimentos até agora não nos teriam afectado muito, se não fosse o desaparecimento de muitos dos nossos camaradas, daqueles que de uma maneira mais dinâmica contribuíram para a independência do nosso País e para a consolidação da nossa situação agora. Desapareceram. Foram mortos de uma maneira cruel. Isso marcou-nos. E, quero garantir aos camaradas de S. Tomé que os

criminosos não serão perdoados, isso para que a vitória seja certa”.

---

## EM NOME DO POVO ESTABELECEMOS UMA DITADURA

“Obrigado pela mensagem.

O Camarada Aristides Pereira é um dos camaradas que começou a luta connosco juntos, e, até agora, estamos juntos. Estes momentos, são de facto difíceis, não sómente para o nosso País, mas para vários países de África, sobretudo desta zona Austral, zona das confrontações, por causa da influência que eles exercem, sobre vários sectores políticos. No entanto, o nosso Povo está a resistir muito bem a esta ofensiva imperialista neste momento, e temos a certeza de que nós vamos novamente retomar as nossas tarefas habituais, tarefas que neste momento são no sentido da reconstrução do País, do ponto de vista económico principalmente.

Alguns camaradas não compreenderam o que era essencial neste momento e, portanto, praticaram actos condenáveis que nós vamos castigar e, temos estado a castigar. São actos que não é possível admitir, quando nós pensamos na situação geral do País, do nosso Povo, todas as dificuldades que temos na periferia, a volta da nossa fronteira, tudo o que nós temos em relação

ao desenvolvimento do povo. Pensamos nos problemas de educação, assistência médica, problemas de transporte e que são sempre difíceis neste período inicial. É inconcebível que se faça qualquer coisa que perturbe ainda mais este desenvolvimento.

E, como nós estamos seriamente engajados no sentido de fazer com que Angola seja realmente forte, unida, nós empreendemos uma acção no sentido de eliminar aquelas tendências que não se conformam com a linha política do MPLA.

Nós aqui somos MPLA. Estabelecemos uma ditadura e é debaixo desta ditadura que nós vivemos. Não somos uma democracia burguesa em que, cada um vem com a sua teoria para nos dizer aquilo que devemos fazer. Não. É o MPLA quem dita, através dos seus organismos próprios. Os Grupos de Acção os Comitês de Acção.

---

## **ESTABELECEMOS UMA DITADURA DO M.P.L.A.**

Ainda há pouco tempo, tivemos que suspender algumas reuniões dos sindicalistas que não estavam propriamente dentro da linha de orientação do MPLA. E eu creio que, dentro de alguns dias nós teremos mesmo que dissolver algumas comissões sindicais que não estão a transmitir completamente as palavras de ordem do MPLA. Teremos de refazer tudo. Nós estamos

estamos a viver um período de excepção e, portanto, a ditadura é um pouco mais forte, neste momento. É uma ditadura que é exercida pelo MPLA, representante do povo e para o bem do povo. Não é uma ditadura pessoal nem de um grupo de pessoas mas é uma ditadura do MPLA. E, tudo aquilo aqui em Angola que não estiver a funcionar de acordo com a nossa orientação, será dissolvido para que nós reconstituamos tudo de acordo com a orientação do nosso Movimento.

# OS HERÓIS HOJE HOMENAGE- ADOS MERECEM QUE ETER- NAMENTE SEJAM RE- LEMBRADOS

MEMBROS DO COMITÉ CENTRAL  
MEMBROS DO CORPO DIPLOMÁTICO  
COMPATRIOTAS  
CAMARADAS :

Com o mais profundo sentimento de pesar vimos hoje depositar para sempre os corpos de Camaradas de luta, e dos melhores filhos de Angola.

São os corpos de Dirigentes, notáveis, assassinados no dia 27 de Maio de 1977.

São os corpos dos Camaradas :

Comandante N'Zagi

— EUGÉNIO VERISSIMO DA COSTA:

**Membro** eleito do Comité Central e do Estado Maior Geral—Chefe da Segurança das F.A.P.L.A., do Conselho da Revolução.

— **SAIDY VIEIRA DIAS MINGAS** : **Membro** eleito do Comité Central, Ministro das Finanças do Governo da República Popular de Angola e do Conselho da Revolução.

Comandante Dangereux

— **PAULO DA SILVA MUNGONGO** : **Membro** eleito do Comité Central, Membro do Estado Maior Geral das F.A.P.L.A. e do Conselho da Revolução.

Comandante Bula Matadi

— **JOSÉ MANUEL PAIVA** : **Chefe** Adjunto do Estado Maior Geral das F.A.P.L.A. e Membro do Conselho da Revolução.

Comandante Eurico

— **EURICO MANUEL CORREIA GONÇALVES** : **Chefe** da Repartição do Pessoal do Estado Maior Geral das F.A.P.L.A. e Membro do Conselho da Revolução.

— **HÉLDER FERREIRA NETO** : **Membro** da  
Direcção de Informação e Segurança

— **ANTÓNIO GARCIA NETO** : **Director** da Secção  
de Cooperação Internacional do Ministério das  
Relações Exteriores do GOVERNO DA R.P.A.

— **CRISTINO SANTOS** : **Membro** do Comité de  
Acção do Bairro Sambizanga.

— **JOÃO RODRIGUEZ (RECUA)** : **Soldado** das  
**F.A.P.L.A.**

Todos estes camaradas Dirigentes do MPLA e da  
República Popular de Angola, foram  
bárbaramente assassinados, os seus corpos  
foram queimados pelos autores dos assassinatos  
e abandonados num dos subúrbios da  
capital.

As suas biografias foram largamente difundidas  
pela imprensa e as suas figuras conhecidas em  
todo o País.

**Honra aos Heróis tombados pela defesa do M.P.L.A. e da Revolução !**

Honra aos Camaradas que nunca temeram nenhum perigo, nenhuma dificuldade, e se constituíram em pilares do progresso em África.

---

## **QUEM FORAM OS AUTORES DESSE CRIME?**

Elementos que esqueceram a realidade angolana e esqueceram também que nenhuma conquista do Povo será perdida, muito especialmente a Independência do Povo Angolano.

Elementos da pequena-burguesia luandense que confundiram o seu próprio radicalismo com as características sócio-económicas de Angola.

Estrangeiros que não se conformaram com as transformações da nossa terra- quer com a independência, quer com o nosso orgulho de angolanos, quer com a vida escolhida para o desenvolvimento de Angola.

Os nomes dos Chefes da traição são conhecidos. A população de Luanda foi enganada, mas mal reconheceu o erro retirou a adesão que tinha oferecido, pensando que haveria motivos justos. Também foram enganados elementos responsáveis das Forças Armadas.

Nas diversas províncias, não houve perturbações de maior apesar da actividade de alguns

comissários provinciais,(hoje demitidos). E alguns excessos praticados, mostram apenas como a experiência do passado despertou a vigilância popular.

---

## **PORQUE RAZÃO FORAM PRATICADOS ESSES CRIMES?**

Porque os seus autores pensavam tomar o Poder para impôr ao País a forma de organização que julgam mais adequada. E isso sem discussão no seio do Movimento.

O Movimento que laboriosamente construiu a Independência não era senão um palco de luta de classe. Ali, e à medida que iam lendo alguns livros iam descobrindo as direitas, as esquerdas, e as consequências. Iam classificando sem querer ter em conta que a consequência é retirada do contexto social da Nação. Os mesmos elementos que hoje pretendiam fazer um golpe de estado, anteriormente, há pouco tempo, em 1974, andavam, não com livros de Lênine que exibem hoje, mas com outros...Os mesmos elementos que hoje,esbravejavam em nome da Revolução ontem defendiam que Angola deveria ser só de individuos de raça preta e nenhum branco deveria ter nacionalidade angolana. Horas inteiras foram gastas para se obter uma decisão sobre o problema. E os argumentos filosóficos estavam lá

bem enroupados, como hoje estão lá os argumentos para destruir a unidade nacional. Os corpos dos Camaradas que aqui estão a enterrar são os melhores filhos de Angola e entre eles estão elementos de cada raça principal de Angola. Juntos, eles defenderam a liberdade contra a tirania colonialista; juntos eles lutaram contra a corrupção e contra os desvios da linha política. Eles contribuíram para a vitória do Povo Angolano. Eles estavam perfeitamente dentro da via a seguir para a construção do Socialismo. Atribuir estes crimes só à ambição pessoal, é pouco. Os fenómenos políticos e sociais em qualquer época, não dependem nunca dos desejos de um homem só. Existem sempre circunstâncias históricas e reais a determinar posições políticas.

O Socialismo, facto histórico, é para estes fraccionistas, um argumento. A raça é um facto social e para os fraccionistas é um argumento. A sabotagem económica é uma situação real e para eles é um argumento. Estes e outros factos condicionaram a sua mentalidade e admitiram a hipótese de agravar as situações antes de alguns problemas poderem ser resolvidos para realizar os seus desejos. Mas esqueceram um factor importante : o Povo - que compreende os

objectivos da Revolução.

Crimes como estes são imperdoáveis :

**Os Heróis hoje homenageados merecem que eternamente sejam lembrados , porque são o símbolo de uma luta intransigente que nos conduziu à Independência e Liberdade.**

às Famílias os nossos pêsamos.

**A LUTA CONTINUA**

**A VITÓRIA É CERTA**

# **É PRECISO EXECUTAR O MAIS URGENTEMENTE POSSIVEL AS DECISÕES DO BUREAU POLITICO DO M.P.L.A.**

**CAMARADAS MEMBROS DO COMITÉ CENTRAL DO M.P.L.A.,  
CAMARADAS MEMBROS DAS COMISSÕES DIRECTIVAS E DAS COMISSÕES POLITICAS PROVISÓRIAS DO M.P.L.A.,**

**ACTIVISTAS DO M.P.L.A.,  
MEMBROS DO GOVERNO,  
COMPATRIOTAS E CAMARADAS :**

*Ontem, dia 11 de Junho de 1977, fomos conduzir ao cemitério, os camaradas que foram assassinados em 27 de Maio também deste ano. Foi um acto extremamente doloroso para todos nós. Sentimos imenso neste momento, a falta dos camaradas dirigentes, militantes, combatentes do MPLA, que foram tão barbaramente assassinados. E foram assassinados por causa da sua fidelidade à linha política do MPLA, à Independência do nosso País, a defesa da integridade territorial de Angola. Foram assassinados, porque eram patriotas sinceros,*

*combatentes sinceros da nossa Pátria.*

*De todo o País, vieram delegações. Delegações não muito numerosas mas que representavam as populações de cada província, de cada região administrativa do nosso País. Eu quero, sinceramente, agradecer a estes camaradas de todas as províncias que estiveram presentes ontem no funeral dos nove camaradas que foram enterrados. Estiveram ainda presentes neste acto triste, os representantes dos países amigos e de todos aqueles que têm aqui embaixadas.*

*Os embaixadores ou os*

seus substitutos estiveram connosco no cemitério e isto testemunhou mais uma vez, a amizade de que goza o Povo de Angola, por parte de povos de outros países e de outros continentes. Representantes desses países, dirigentes desses países enviaram mensagens, mensagens que nem todas estão publicadas neste momento, nem todas foram ainda traduzidas na Rádio, na Televisão ou no nosso "Jornal de Angola". Mas, à medida que as possibilidades o permitirem, nós iremos publicar as mensagens, muitas, que temos recebido dos países amigos e daqueles que estão em contacto connosco, por razões políticas.

Algumas delegações de países amigos vieram aqui para testemunhar também a sua solidariedade, a sua amizade, neste momento em que nós sofremos um golpe terrível, ao nível da Direcção do Movimento e do Estado. A todos, quero aqui exprimir os maiores agradecimentos.

Quero exprimir a nossa solidariedade a todos aqueles que têm estado connosco nas horas mais difíceis, que nos ajudaram durante a luta de

libertação nacional, que nos estão a ajudar neste momento de reconstrução do nosso País e, que nos oferecem a amizade e a sua solidariedade.

Quero ainda agradecer às famílias dos camaradas que foram assassinados. Apesar do momento triste que viveram e que estão a viver ainda neste momento, apesar da tragédia que caiu sobre si, durante todo esse período, as famílias comportaram-se com dignidade, comportaram-se da maneira a mostrar que, embora alguns dos seus familiares tenham tombado e alguns fazendo grande falta ao agregado familiar, elas estão dispostas a continuar a luta que cada um dos assassinados iniciou ou para qual cada um dos assassinados contribuiu para que nós atinjamos os objectivos no nosso Movimento, quer dizer que nós atinjamos o Socialismo. A todas as famílias portanto, a quem ontem já dirigi os meus sentimentos, no nome de todo o Povo de Angola, no nome do Comité Central do MPLA e no nome do Governo da República Popular de Angola, queiram mais uma vez, receber os sentimentos de pesâmos e os meus

*agradecimentos pelo seu comportamento.*

## **PRECISAMOS DE CONHECER BEM O FRACCIONISMO**

*Estamos aqui hoje a condenar o fraccionismo. Foram fraccionistas aqueles que são os autores da tragédia que vivemos durante alguns meses e que terminou pelo assassinato. Hoje, eles já não são fraccionistas porque naturalmente, já não pertencem ao MPLA. Eles agora são indivíduos em fuga dentro de Angola, mas de maneira nenhuma pertencem ao MPLA.*

*O que é fraccionismo, nós precisamos de o compreender muito bem. Que é que significa fraccionismo?*

*Nós sempre considerámos importante para o nosso Movimento, o MPLA, para o nosso País, Angola, que exista unidade. No MPLA, nós somos um e temos regras para a vida da Organização. Não somos diversos! Somos um ou devemos ser um. E quando um pequeno grupo começa a funcionar fora dessa unidade, quando essa*

*Unidade-Movimento se divide em dois ou três bocados, nós chamamos a esses bocados, fracções. Fraccionismo é portanto, organizar dentro do Movimento pequenos grupos que não caminham de acordo com os Estatutos, conforme o Programa do MPLA mas sim, procuram organizar os seus próprios estatutos e o seu próprio programa.*

*Isso é condenado desde 1956, data da fundação do MPLA, pela nossa organização e essa regra, está inscrita nos Estatutos, no capítulo que fala do centralismo democrático. Portanto, quando nós dizemos fraccionismo, significa que alguém dentro da Organização, dentro do País, quis formar grupos que fossem diferentes do MPLA. Ora neste País, o único Movimento que existe é o MPLA e quem defender outro Movimento qualquer, não pode ser tolerado.*

**CAMARADAS, COMPATRIOTAS:****O FRACCIONISMO EXISTE DESDE A FUNDAÇÃO DO M.P.L.A.**

O fraccionismo não começou a existir ontem, nem na semana passada.

O fraccionismo existe desde a fundação do MPLA. Tivemos que combater vários grupos fraccionistas, que hoje estão totalmente entregues ao imperialismo.

Em 1962/3, Viriato da Cruz conduziu uma ala fraccionista, ainda quando nós nos encontrávamos no exílio, no "Congo Kinshasa". Viriato da Cruz quis formar o seu Movimento dentro do MPLA e acabou por se entregar à Fnl. Mais tarde, foi-se entregar à China onde ele perdeu a saúde e veio a falecer. Quer dizer que já em 1962, nós tivemos que combater as ideias erradas que alguns dos nossos compatriotas defendiam dentro do MPLA e esses mesmos indivíduos, não tiveram outro remédio, senão entregar-se aos nossos inimigos. Entregar-se ao imperialismo para lutar contra

nós, para encontrar armas para lutar contra nós e acabaram por desaparecer.

Em 1965 ou a partir de 1965, alguns dos nossos compatriotas eram representantes no estrangeiro. Alguns estiveram no Cairo, no Egipto. Entre eles, encontrava-se um indivíduo chamado Baya. Creio que era António Baya. Esse indivíduo procurou também fazer a sua fracção, fazer o seu grupo. Acabou por ser expulso e hoje é membro da Fnl, está em Kinshasa.

Outro indivíduo que também esteve no Cairo, no Egipto, chamado Francisco Barros, pretendeu fazer a sua fracção, fazer o seu grupo e acabou por ser membro da Flec. Hoje está com a Flec que está a combater contra nós, em Cabinda.

Já depois de uma luta avançada na Frente Leste, apareceu um tal Chipenda que também à base tribal, quis formar o seu grupo. Foi

expulso do Movimento. Acabou por ir para a Fnla e hoje está no Zaire ou na África do Sul, conforme as conveniências do momento. Quer dizer que se ligou aos piores inimigos de Angola. aos piores inimigos do Povo de Angola. O destino é sempre o mesmo. Tentando combater o nosso Povo em Angola, tentando combater o MPLA, eles vão cair nas mãos dos imperialistas, nas mãos dos racistas e vão fazer o jogo do inimigo. Não têm outra saída, não podem sobreviver sem

ajuda dos imperialistas.

Em 1974 depois do 25 de Abril — os camaradas aqui em Luanda conhecem bem — depois portanto da rendição dos colonialistas portugueses, um outro grupo fraccionista apareceu. O grupo liderado por Gentil Viana, chamado "Revolta Activa" que os camaradas combateram com toda a força, aqui em Luanda. Esse grupo desapareceu também e, certamente, estaria disposto a colaborar com os imperialistas para abater o MPLA.

## TODOS OS FRACCIONISTAS VÃO SE ENTREGAR AO IMPERIALISMO

Chegamos a 1977 e aparece um novo grupo fraccionista que se camuflou aqui em Luanda, que tentou organizar-se dentro do MPLA, para destruir a Direcção e tomar o Poder. Tomar não somente a direcção do MPLA, mas também a Direcção do Estado. Uma grande parte dos indivíduos que constitui essa fracção está fugida e, eu não vejo outra alternativa; ou eles se entregam ou então vão-se entregar ao Zaire. É o destino

de todos. Todos vão-se entregar ao imperialismo. E este grupo se não vier ter connosco, é porque irá ter com o Zaire.

Esses fraccionistas sempre fizeram o jogo do imperialismo. Toda acção que foi praticada durante estas últimas semanas aqui, mostrou que era uma acção reaccionária. Quem mata, como eles mataram, é reaccionário. Quem se combina, como eles

combinaram com as forças da reacção, com os espiões estrangeiros que estão aqui na nossa terra para derrubar o Governo, para tomar a Direcção do MPLA, é reaccionário, porque estavam pura e simplesmente a fazer o jogo do imperialismo. É o imperialismo que se estava a aproveitar deles para poder destruir tudo aquilo que nós já fizemos, desde o início da nossa independência, tudo aquilo que nós fizemos durante a luta de libertação e todos os nossos projectos na reconstrução nacional.

Devo dizer aos camaradas — agora já o posso dizer — que alguns deles, alguns que andam fugidos — há os que estão sob investigação — chegavam às reuniões e, em vez de discutir os problemas que eram inscritos na ordem de trabalho, pegavam num livro e punham-se a ler à sucapa.

Muitas vezes, tinham sono, dormiam, talvez porque tivessem reuniões demais...

Havia alguns dos nossos compatriotas que estavam no Comité Central, estavam no Conselho da Revolução, que não contribuíram em nada para as decisões sérias, patrióticas que nós tomámos. Iam lá com um volume grande de livros debaixo do braço e iam lendo. Não lhes interessava nada aquilo que se passava no Comité Central, aquilo que se passava no Conselho da Revolução. Iam lá com outros objectivos. De vez em quando, quando havia posições a tomar, eles escreviam muito. Tomavam notas de tudo. Tomavam notas para depois criticar o Comité Central, criticar quem interviesse e, como aconteceu a alguns dos nossos camaradas, para os assassinar no momento oportuno.

## **OPORTUNAMENTE SERÃO ANUNCIADOS OS NOMES DE ESTRANGEIROS IMPLICADOS NO GOLPE "NITISTA"**

Não é por acaso, que nós encontramos entre aqueles que queriam destruir o MPLA e o nosso Estado, alguns

estrangeiros. Num momento mais oportuno, nós anunciaremos os nomes de portugueses que estão presos

neste momento, porque também estavam a colaborar para o golpe de estado aqui em Angola.

É claro que hoje aqui, no nosso país, ninguém pode atacar-nos dizendo que é fascista ou que defende o capitalismo. Todos dizem que são pelo socialismo. Todos defendem as ideias mais radicais. São esquerdistas todos. Pertenceram a partidos de esquerda em Portugal e é sob essa forma que eles se apresentam. Apresentam-se como homens de esquerda, que queriam avançar mais rapidamente o processo revolucionário angolano e para isso tomavam posições contra o Governo. No fundo, eles não eram nada progressistas. Eles eram é reacconários, eles eram é homens que queriam ver restaurados aqui, o colonialismo e o neocolonialismo, o capitalis-

mo e a introdução, o mais rapidamente possível das forças imperialistas. Isso era o objectivo. Mas utilizaram determinadas táticas e diziam que eram progressistas, eram esquerdistas eram socialistas. Alguns deles, fugiram de Portugal e vieram aqui pedir-nos asilo político dizendo que eram progressistas. Nós concedemos o asilo político. Concedemos até, a possibilidade de trabalhar. Demos-lhes emprego, com vencimento. E a sua atitude, a sua resposta, foi entrar em conspirações contra o MPLA, contra o Estado angolano e contra o Governo. Isto é uma atitude que só poderemos classificar de uma maneira: ou puramente ingratidão se quisermos ser sentimentais, ou eles estavam aqui ao serviço de quaisquer forças exteriores ao nosso Povo.

## OS "GRUPOS" QUE DISPUTAVAM A SUPREMACIA

Mas há um aspecto que nós, membros do Comité Central, nos temos referido sempre. É que houve aqui em

Luanda uma luta de grupos. Vários grupos se constituíram durante a luta de libertação nacional por causa da

clandestinidade. Uns saíram de um campo de concentração, uns saíram de uma prisão, uns saíram de outra e cada grupo queria ter a supremacia. E, nós assistimos aqui desde o 11 de Novembro a uma luta tremenda em que se foram eliminando um a um os grupos predominantes.

Primeiramente foi o grupo que se chamava "Comité Henda". Foi eliminado. Depois eram os "Comités Amilcar Cabral". Foram eliminados. Apareceram depois alguns deles, indivíduos que pertenciam a esses dois grupos, apareceram numa outra organização chamada, "Oca — Organização Comunista de Angola" e também foram eliminados.

A Direcção do MPLA, que dirigiu a luta armada e que finalmente tomou conta do País, como Direcção do Partido e Direcção do Estado devia ser a última a ser eliminada. Nós, todos os membros do Comité Central devíamos, segundo os planos feitos, desaparecer no dia 27 de Maio, para que um grupo, um desses que fez a luta contra os outros grupos

luandenses, pudesse assumir o Poder.

E muita gente estava enganada. Nós podemos ver durante este período, desde a independência, as atitudes, as posições políticas que foram tomadas por certos responsáveis. Foi possível analisar, ver, como é que se comportavam face ao Movimento, face ao Governo, face à problemática toda que existia dentro do nosso País. Alguns camaradas vacilaram, alguns camaradas não tiveram coragem, alguns camaradas evidenciaram nitidamente a sua adesão ao grupo que agora foi combatido, que está a ser combatido agora. Nós vimos como em vários serviços, em várias repartições públicas havia atitudes que coincidiam perfeitamente com as atitudes dos fraccionistas.

Nós vimos que foi utilizada uma determinada estratégia e que eram utilizadas determinadas tácticas. Indivíduos que evidentemente se mostravam muito amigos do Movimento, muito militantes dentro do Movimento, no fundo faziam

**trabalho contra o MPLA.**

**Camaradas:**

Se nós analisarmos aquilo que aconteceu antes, poderemos verificar que antes do 11 de Novembro e nesta luta de grupos, a acção principal foi feita contra os elementos que se diziam da Revolta Activa aqui em Luanda.

E elementos da Revolta Activa eram apoiados pelos portugueses e colonialistas, que eram

colonialistas embora se dissessem progressistas, e foram apoiados pelos reacionários em todo o Mundo.

Eles foram combatidos aqui com toda a força. Estávamos ainda a lutar contra os zairenses, estávamos a lutar depois da Independência também contra os sul-africanos e só no mês de Março, nós pudemos resolver uma parte do problema.

---

## **OS FRACCIONISTAS ESCOLHEM OS MOMENTOS PARA ATACAREM O M.P.L.A.**

Tivemos durante todo este período, desde a Independência, ataques armados por bandos que vieram, quer do norte, do Zaire, quer do sul, da África do Sul. Havia portanto uma situação que exigia de nós a defesa nacional, a maior atenção no sentido de forjar a unidade nacional para a defesa do território. E ultimamente tivemos o problema das acusações do Zaire por causa das suas complicações no Shaba. E é dentro deste contexto, em que

nós estamos preocupados com a defesa do nosso território que surge mais uma vez um ataque fraccionista.

Os momentos são bem escolhidos. Quando nós estamos preocupados com um problema surge outro para desorientar a nossa actividade. Estivemos sempre preocupados com o problema da Reconstrução Nacional e em nenhum momento nós deixamos de chamar atenção do nosso Povo para o facto de ser necessário produzir, que é necessário cuidar da nossa

economia, que é necessário nós tomarmos medidas urgentes para que a produção agrícola não desaparecesse, para que as indústrias continuassem a produzir, para que nós pudéssemos manter os transportes, para que o Comércio se fizesse normalmente, para que os agricultores não ficassem com a produção na sua lavra e não pudessem comprar produtos industriais, chamando atenção para este aspecto. E estamos longe de ter resolvido todo o problema da economia do nosso País.

Chamámos a atenção para o problema da educação e da assistência médica. São problemas fundamentais para o nosso Povo e o que é que fizeram os fraccionistas? Os fraccionistas aconselhavam por um lado, a não combater.

Era preciso não combater os

bandos armados que penetravam no nosso País porque eles queriam fazer um outro tipo de Revolução. Infiltraram-se nalguns sectores das Forças Armadas e fizeram com que eles não funcionassem para a Revolução, mas funcionassem sim no sentido da organização de um golpe de estado.

Eles influenciaram jovens para que não participassem das tarefas da Reconstrução Nacional, que não fossem à colheita do café, que não fossem cortar cana, que não participem nas empresas industriais e influenciaram os agricultores a não produzir mais porque o Estado não estava em condições de comprar os seus produtos. Quer dizer: foi uma sabotagem consciente aquela que se fez aqui durante vários meses.

## OS QUE PARTICIPARAM NA PREPARAÇÃO DO GOLPE REACCIONÁRIO

Quem eram os agentes dessa política? Participaram

principalmente elementos de Luanda, intelectuais de

origem burguesa ou pequeno-burguesa.

Compatriotas alguns, estrangeiros outros — e os estrangeiros que não foram capazes de fazer a Revolução na terra deles, vêm fazer a Revolução em Angola. Intelectuais que se preocupavam em escrever discursos, em ler livros para depois dar umas frases, às pessoas que se aproximam do microfone e mesmo a escrever livros que depois outros assinavam.

Alguns operários ambiciosos, pensando que já tinham a direcção do País nas suas mãos, que já não era possível a união de todas as classes sociais, que eles sós, mas eles, pessoalmente sobretudo, poderiam dirigir todo o processo revolucionário em Angola.

Elementos da juventude também foram recrutados, elementos da OMA foram recrutados. Algumas comissões populares de bairro, foram recrutadas para impedir até o abastecimento dos bairros. Nós todos lembramo-nos que em alguns bairros de Luanda quando nós queríamos abrir lojas para poder distribuir melhor os

produtos, algumas comissões populares de bairro recusaram dizendo que queriam formar cooperativas e não lojas. E as cooperativas serviam para encobrir muito negócio, como se está a descobrir agora.

Alguns membros do Governo, das organizações de massas, que já referi, das Comissões Directivas do MPLA, também se encontram entre os elementos recrutados pelos fraccionistas. Eles aproveitaram todo o descontentamento. É fácil a p r o v e i t a r o descontentamento, o difícil é resolver os problemas. É fácil criar obstáculos; o difícil é dirigir um processo revolucionário.

Foram utilizadas algumas táticas como a calúnia aos dirigentes do MPLA e aos membros do Governo. Calúnias que depois eram repetidas em cada bairro, em cada empresa, em cada província para denegrir determinados membros do Comité Central e determinados membros do Governo. Era fácil detectar de onde vinham essas calúnias. Para nós era fácil porque eram sempre os

*mesmos indivíduos que nos vinham falar contra este ou contra aquele membro do Governo ou do Comité Central, ou contra um funcionário do Comité Central ou funcionário de um serviço qualquer.*

*Fizeram classificações artificiais que também eram repetidas e são ainda repetidas: "uma direita conservadora", os "maoistas"*

*e os "consequentes". Os "consequentes" eram os autores das calúnias. E todos nós, membros do Comité Central, membros do Governo, todos éramos classificados de uma ou de outra maneira. Ou éramos "conservadores", ou éramos "social-democratas" ou éramos "maoistas". "Consequentes" é que não...*

## **TOMAR DURAS MEDIDAS ALÉM DAQUELAS QUE FORAM JÁ TOMADAS**

*Diante disto camaradas nós não podemos tomar outras medidas além daquelas que foram tomadas e que ainda estão em curso. Nós fizemos com que a investigação fosse o mais profundamente possível aos elementos que eram denunciados espontaneamente por aqueles que chegaram aos nossos organismos de investigação e que eram suspeitos. Foram dissolvidos alguns organismos do Movimento, algumas Comissões Directivas, como por exemplo a Comissão Directiva de*

*Luanda, foram dissolvidas, porque não correspondiam de maneira nenhuma às exigências políticas do MPLA. Foram demitidos alguns Comissários Provinciais que participaram desta manobra. Foram também dissolvidos alguns organismos dirigentes das organizações de massas como por exemplo a Comissão Directiva Nacional da JMPLA. Também foram demitidos funcionários. Neste sector a investigação ainda não foi bastante longe mas desde que nós detectemos qual é a implicação naturalmente que não se*

seguirá outra regra.

Mas além disto nós temos que tomar outras medidas, que devem ser realizadas por toda a organização do MPLA no País, pelo Povo em geral. É uma das mais importantes é saber encontrar onde os fraccionistas se esconderam. Não são somente os cabecilhas mas também os outros que aqui em Luanda provocaram muitas perturbações na nossa vida nacional. É preciso encontrá-los e o mais depressa possível.

Por outro lado temos que reforçar o MPLA. Temos tarefas urgentes e sem a organização do MPLA nós não poderemos avançar muito. Temos portanto de reconstruir as Comissões Directivas regionais ou provinciais. Temos de reconstituir ou constituir imediatamente os grupos de acção, os comités de acção para que eles estejam aptos a dirigir realmente, fielmente ao programa do Movimento e sem hesitações a política que é traçada.

Todos os organismos de massas devem estar subordinados a todos os níveis aos organismos do

MPLA. As Comissões Populares de Bairro, organismos que devem ser eleitos, devem subordinar-se à orientação do MPLA. É o Comité de Acção do bairro quem dirige. A Comissão Popular executa.

As organizações de massas, a OMA, a "JOTA" a UNTA, devem subordinar a sua actuação à direcção do MPLA, a todos os níveis. Não podemos, por exemplo, ter numa empresa grupos de acção que não tenham autoridade política junto das comissões sindicais. Isto não pode ser, e se acontece, a única coisa que nós poderemos fazer é dissolver as comissões sindicais. A orientação tem de ser sempre do MPLA. E vamos seguir esta linha firmemente. Que não haja organizações paralelas dentro do País. Quem comanda aqui em Angola é o MPLA.

No Governo, os membros do Governo, têm que se submeter à orientação traçada pelo Bureau Político que é o organismo permanente do Comité Central. Não pode haver decisões do Governo, que não sejam controladas pelo Bureau Político. É

preciso que todos os Ministros, todos aqueles que estão na administração do País, saibam que devem fazer só aquilo que fôr autorizado pelo Bureau Político e, quando o Bureau Político decide, é preciso executar as suas decisões o mais urgentemente possível.

É claro, camaradas, por vezes surgem algumas confusões. Como por exemplo: realizou-se aqui em Luanda, um plenário da Saúde. Os camaradas membros do MPLA do serviço de saúde, quiseram tentar resolver alguns problemas que lhes diziam respeito. E falaram primeiramente com membros do Comité Central e comigo próprio. Realizaram um plenário que foi

autorizado. As suas decisões foram previamente examinadas por um membro do Bureau Político. Mas alguns desses membros da saúde, eram também fraccionistas e, foram sujeitos às medidas que os outros estão a sofrer. Mas, alguns camaradas pensam que, esses "camaradas" estão sob sanção, por causa do plenário da Saúde. Devo dizer aqui a todos os camaradas que trabalham no serviço de Saúde, que por causa do plenário da Saúde, ninguém sofreu qualquer sanção. Todos têm o direito de reunir, desde que os objectivos sejam justos, e desde que estejam completamente controlados por qualquer organismo do MPLA.

---

## TEMOS DE PREPARAR CONVENIENTEMENTE O CONGRESSO DO M.P.L.A.

É claro que uma das tarefas fundamentais para o nosso Movimento nestes próximos tempos, deverá ser a preparação do Congresso. Nós temos de preparar convenientemente o Congresso. Os militantes

devem interessar-se por frequentar as escolas políticas para poderem aprender o marxismo-leninismo, para poderem ter algumas noções antes da realização do Congresso. Teremos, pois de realizar todos os passos

para chegar ao Congresso, isto é, nomear os delegados, eleger as comissões, segundo as normas que serão fornecidas pela comissão preparatória do Congresso. Mas esta é uma das tarefas principais, para que nós não

atrasemos a realização do Congresso que estamos à espera há tanto tempo e, para que a classe operária tenha o seu papel, tenha o seu lugar na direcção do País, como nós desejamos e como o Comité Central decidiu.

## A JUVENTUDE VAI SER CHAMADA UMA VEZ MAIS A DEFENDER O PAÍS

No entanto, camaradas, não posso deixar de repetir algumas das nossas preocupações. Uma delas é a preocupação da defesa. A Juventude vai ser uma vez mais chamada a defender o país.

Há pouco tempo, sofremos ataques políticos por parte do Zaire. Ameaças de invasão, com tropas que se encontravam dentro do seu território que fizeram algumas incursões, que violaram o nosso espaço aéreo, que bombardearam algumas das nossas aldeias e nós receamos que eles, os zairenses, auxiliados pelos franceses, pelos marroquinos, pelos egípcios, viessem atacar Angola. Precisamos, portanto, de estar alerta.

Não nos distraiamos só com a luta contra os fraccionistas. Não nos distraiamos só com a organização do Congresso. Temos, antes de mais, de velar pela defesa do nosso território. Sem o território, não temos possibilidade de organização.

A Juventude é mais uma vez chamada a estar pronta em qualquer momento para defender o território nacional. Claro que não é nosso desejo fazer guerra. Mas se alguém nos atacar, nós não teremos outro remédio, senão defendermo-nos. Se for possível normalizar as nossas relações com os países vizinhos, como já fizemos com a Zâmbia, nós estaremos prontos a dar os passos

necessários se as condições estiverem criadas para isso. Mas enquanto não houver

normalização de relações com os outros países, temos de estar atentos à defesa.

## CUIDAR DA VIDA MATERIAL DA POPULAÇÃO

Precisamos ainda de cuidar, com muita atenção, a questão da produção. Os camaradas da UNTA organizaram períodos de emulação e creio que em algumas empresas, isso deu resultado. No entanto, a produção não depende simplesmente do operário. Depende de muitos outros factores. Depende das matérias primas. Depende das máquinas, depende da técnica e tudo isso tem de ser organizado, tem de ser visto, para que a produção seja a melhor, para que a produtividade de cada operário, seja a melhor.

A organização nas empresas ainda não é perfeita, mas pode-se aperfeiçoar. Nós temos descurado bastante a organização de cooperativas de produção agrícola. A agricultura pode desenvolver-se mais do que está neste momento. Alguns

dos camaradas Comissários Provinciais e, em relação a alguns já sabemos porquê — é porque estavam com os fraccionistas — impediam a saída dos géneros alimentícios da sua província, para as outras províncias. Isto prejudicou bastante no abastecimento de certas províncias. Em algumas províncias, não era permitida a utilização de viaturas para a compra de produtos dos agricultores, umas vezes por que havia poucos veículos, mas outras vezes, também porque havia o desejo de sabotar a produção agrícola. Teremos de tomar atenção, mais atenção a esse capítulo da nossa vida.

Quer dizer, no que respeita ao transporte, a educação, à reparação de estradas, nós temos de fazer um esforço suplementar neste período, porque, temos de cuidar, — é nosso dever —

*temos de cuidar da vida material da população, temos de cuidar da vida material dos camponeses e dos operários e organizar a troca. Temos de fazer com que o equipamento seja cada vez melhor e temos*

*de evitar o açambarcamento, o roubo, a destruição de bens que pertencem ao Povo. Esse capítulo, capítulo da economia, portanto, é extremamente importante e todo o povo deve colaborar.*

## **TEMOS AMIGOS SÉRIOS**

*Camaradas, nós temos a felicidade de possuir amigos no mundo. Temos amigos sérios, amigos que manifestam a sua solidariedade em cada momento difícil. Nós temos sentido a solidariedade e a amizade. Nós temos sentido que uma grande parte de países do mundo está connosco e estão prontos a dar a sua colaboração em todos os instantes.*

*Há camaradas que são criticados por isso. São acusados pelo imperialismo. São os camaradas da União Soviética e os camaradas de Cuba. São acusados de virem a Angola não para contribuir para este processo, não para a construção do Socialismo, defesa da independência mas sim, estarem aqui para outros*

*fins. Eu queria reafirmar aqui, diante de toda a população do nosso País, especialmente a de Luanda, que os camaradas da União Soviética têm expresso em cada momento difícil da nossa vida, os seus sentimentos de amizade e de solidariedade. E têm expresso não somente sentimentos, mas de uma maneira prática, positiva, têm contribuído para a formação do nosso exército, para diminuir as dificuldades económicas, para a formação de técnicos, para, enfim, nós podermos de facto, entrar num período de reconstrução nacional. Da mesma maneira os camaradas cubanos.*

*A reacção aqui em Angola, naturalmente animada pelas agências de espionagem, fazem propaganda contra os camaradas cubanos. Têm*

tentado fazer tudo, para que o Povo de Angola, esteja contra os camaradas cubanos. Mas, eu devo dizer, que se há um povo, se há um partido, se há um governo que está realmente a contribuir para a realização da nossa vida em todos os aspectos aqui em Angola, são os camaradas de Cuba.

Eu não digo isso simplesmente porque estou ao pé dos microfones. Digo sinceramente, e di-lo-ei em cada circunstância da nossa vida, porque a contribuição do povo cubano é de tal maneira grandiosa, que nós nunca mais na nossa vida nacional a poderemos esquecer. E oxalá possamos nós, os angolanos, em relação aqueles que ainda estão a lutar pela sua independência, os povos da Namíbia, do Zimbabwé, da membros dos Movimentos de Libertação que estiverem presentes aqui em Luanda e, também, a cada delegado de

África do Sul, fazer um esforço semelhante. Que nós possamos também contribuir de uma maneira internacionalista, para a libertação dos outros povos da região austral da África.

Dentro de dois dias, provavelmente, começará aqui em Luanda, uma reunião do Comité de Libertação de África. Vêm aqui a Luanda, responsáveis dos Movimentos de Libertação, vêm representantes de vários países africanos que conosco virão afirmar, mais uma vez, o nosso desejo de libertar totalmente o nosso continente, onde ainda existem racistas. A população de Luanda, aquela que estará mais próxima dos delegados, é convidada a exprimir o seu carinho, a sua amizade, a sua solidariedade, a cada um dos países africanos que estiverem na nossa cidade durante a conferência.

**UM SÓ POVO**

**UMA SÓ NAÇÃO**

**A LUTA CONTINUA**

**PELO PODER POPULAR**

**A VITÓRIA É CERTA**



F. A. P. L. A.



FORÇAS ARMADAS POPULARES DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

## INDICE:

- pag. 1    **DECLARAÇÃO DO BUREAU POLÍTICO SOBRE O FRACCIONISMO**
- pag. 4    **COMO SE MANIFESTOU ULTIMAMENTE O FRACCIONISMO**
- pag. 10   **DECLARAÇÃO DO COMITÊ CENTRAL SOBRE A SUSPENSÃO DOS FRACCIONISTAS ZÉ-VANDÂNEM, NITO ALVES E OUTROS**
- pag. 12   **DISCURSO DO CAMARADA PRESIDENTE AGOSTINHO NETO SOBRE O FRACCIONISMO, PROFERIDO NO DIA 21/5/1977, NA CIDADELA**
- pag. 12   **TEMOS ESTADO A SER DIVIDIDOS POR FORÇAS EXTERNAS**
- pag. 14   **NÃO PODEMOS DESENVOLVER O NOSSO PAÍS SEM O CAMPESINATO**
- pag. 15   **PARA SER MEMBRO DO PARTIDO É PRECISO REUNIR UM CERTO NÚMERO DE CARACTERÍSTICAS**
- pag. 18   **É GRAVE O MOMENTO QUE NÓS ESTAMOS A VIVER AQUI NO PAÍS**
- pag. 19   **OS QUE NÃO SERVEM REGRAS DO CENTRALISMO DEMOCRÁTICO**
- pag. 20   **ESTAMOS COM OS CAMARADAS SOVIÉTICOS**
- pag 22   **O IMPORTANTE É SER-SE MILITANTE HOJE**
- pag. 23   **A D.I.S.A. É UMA INSTITUIÇÃO DO ESTADO POPULAR**
- pag 25   **COMBATER A FALSA FACÇÃO PROGRESSISTA, COMBATER A REACÇÃO**
- pag 26   **ATAQUES QUE NÃO SÃO JUSTOS CONTRA MILITANTES CONSEQUENTES**
- pag 28   **NÃO PODE HAVER FACÇÕES DENTRO DO M.P.L.A.**
- pag 30   **VAMOS DEFENDER A UNIDADE NACIONAL**
- pag 31   **FAÇAMOS UM COMBATE SÉRIO CONTRA OS FRACCIONISTAS**
- pag. 33   **A REVOLUÇÃO TEM QUE SER DEFENDIDA PELO POVO ANGOLANO E EM SEU PRÓPRIO BENEFÍCIO !**
- pag . 37   **NÃO HAVERÁ PERDÃO NEM TOLERÂNCIA PARA ESTES ALIADOS DA REACÇÃO**
- pag. 41   **É PRECISO QUE OS ASSASSINOS PAGUEM PELOS CRIMES PRATICADOS**

## INDICE:

- pag. 46 DISCURSO DO CAMARADA PRESIDENTE SOBRE OS ACONTECIMENTOS DO DIA 27 DE MAIO DE 1977
- pag. 52 DISCURSO DO CAMARADA PRESIDENTE AGOSTINHO NETO EM RESPOSTA A MENSAGEM DO POVO MOÇAMBICANO
- pag. 54 OS CRIMINOSOS NÃO SERÃO PERDOADOS
- pag. 55 A AMIZADE QUE SE CRIOU ENTRE OS NOSSOS DOIS POVOS É INDESTRUTIVEL
- pag. 58 EM NOME DO POVO ESTABELECEMOS UMA DITA DURA
- pag. 59 ESTABELECEMOS UMA DITADURA DO M.P.L.A.
- pag. 61 OS HEROIS HOJE HOMENAGEADOS MERECEM QUE ETERNAMENTE SEJAM RELEMBRADOS
- pag. 64 QUEM FORAM OS AUTORES DESSE CRIME?
- pag. 65 PORQUE RAZÃO FORAM PRATICADOS ESSES CRIMES?
- pag. 68 É PRECISO EXECUTAR O MAIS URGENTEMENTE POSSIVEL AS DECISÕES DO BUREAU POLITICO DO M.P.L.A.
- pag. 70 PRECISAMOS DE CONHECER BEM O FRACCIONISMO
- pag. 71 O FRACCIONISMO EXISTE DESDE A FUNDAÇÃO DO M.P.L.A.
- pag. 72 TODOS OS FRACCIONISTAS VÃO SE ENTREGAR AO IMPERIALISMO
- pag. 73 OPORTUNAMENTE SERÃO ANUNCIADOS OS NOMES DE ESTRANGEIROS IMPLICADOS NO GOLPE "NITISTA"
- pag. 74 OS GRUPOS QUE DISPUTAVAM A SUPREMACIA
- pag. 76 OS FRACCIONISTAS ESCOLHEM OS MOMENTOS PARA ATACAR O M.P.L.A.
- pag. 77 OS QUE PARTICIPARAM NA PREPARAÇÃO DO GOLPE REACIONARIO
- pag. 79 TOMAR OUTRAS MEDIDAS ALÉM DAQUELAS QUE FORAM JÁ TOMADAS
- pag. 81 TEMOS DE PREPARAR CONVENIËNTEMENTE O CONGRESSO DO M.P.L.A.
- pag. 82 A JUVENTUDE VAI SER CHAMADA UMA VEZ MAIS A DEFENDER O PAÍS
- pag. 83 CUIDAR DA VIDA MATERIAL DA POPULAÇÃO
- pag. 84 TEMOS AMIGOS SERIOS

## VOLUMES PUBLICADOS

### **RELAÇÕES MOVIMENTO—ESTADO**

Do Plenário do Comité Central do M.P.L.A., realizado em Luanda em outubro de 1976.

### **SOBRE O FRACCIONISMO**

O discurso do Presidente da R.P.A. e do M.P.L.A., Cda. Agostinho Neto, proferido em 12/6/1977, na Cidadela.

**INFORMAÇÃO DO BUREAU POLÍTICO, sobre a tentativa de golpe de estado do 27 de maio de 1977.**

**TEMA Nº1: O que é o Congresso.**

**TEMA Nº2: O M.P.L.A. e o Partido.**

**REGULAMENTO DOS ÓRGÃOS DO M.P.L.A. NAS FORÇAS ARMADAS DA R.P.A. — Circular (interna) 1/76.**

**1 DE AGOSTO 1977:**

**IIIº Aniversário da constituição das gloriosas F.A.P.L.A.**

**GUIA DO COMISSARIO POLÍTICO**

**DEVERES DOS RESPONSÁVEIS E ÓRGÃOS POLÍTICOS DAS F.A.P.L.A.**

EM PREPARAÇÃO

**A NECESSIDADE HISTÓRICA DO PARTIDO DA  
CLASSE OPERÁRIA**

Este artigo foi publicado pelo Comitê Central Político do  
P.C.B. em 1978.

— Foi composto e impresso em oficinas tipográficas das  
Publicações G.A.M.A. do Ministério da Educação  
Comitê Central, Valença 137, Junho 1978, 10.000 exemplares  
recolhidos em Janeiro de 1978.

ARQUINOLARA

RELATÓRIO DO MOVIMENTO-ESTADO  
A NECESSIDADE HISTÓRICA DO PARTIDO DA  
CLASSE OPERÁRIA

SOBRE O FRACIONISMO  
O Director do Presidente da R.P.A. e do M.P.L.A. Cda.  
Agostinho Neto, proferido em 12/6/1975, na Classe

INFORMAÇÃO DO BUREAU POLITICO

Esta edição foi realizada pelo Commissariado Político do  
E.M.G. das F.A.P.L.A. —

—Foi composta e impressa na oficina tipografica das  
Publicações G.A.M.A. do Ministério da Defesa-Rua  
Comandante Valodia 135 ,Luanda-10.000 exemplares  
acabados em Janeiro de 1978.

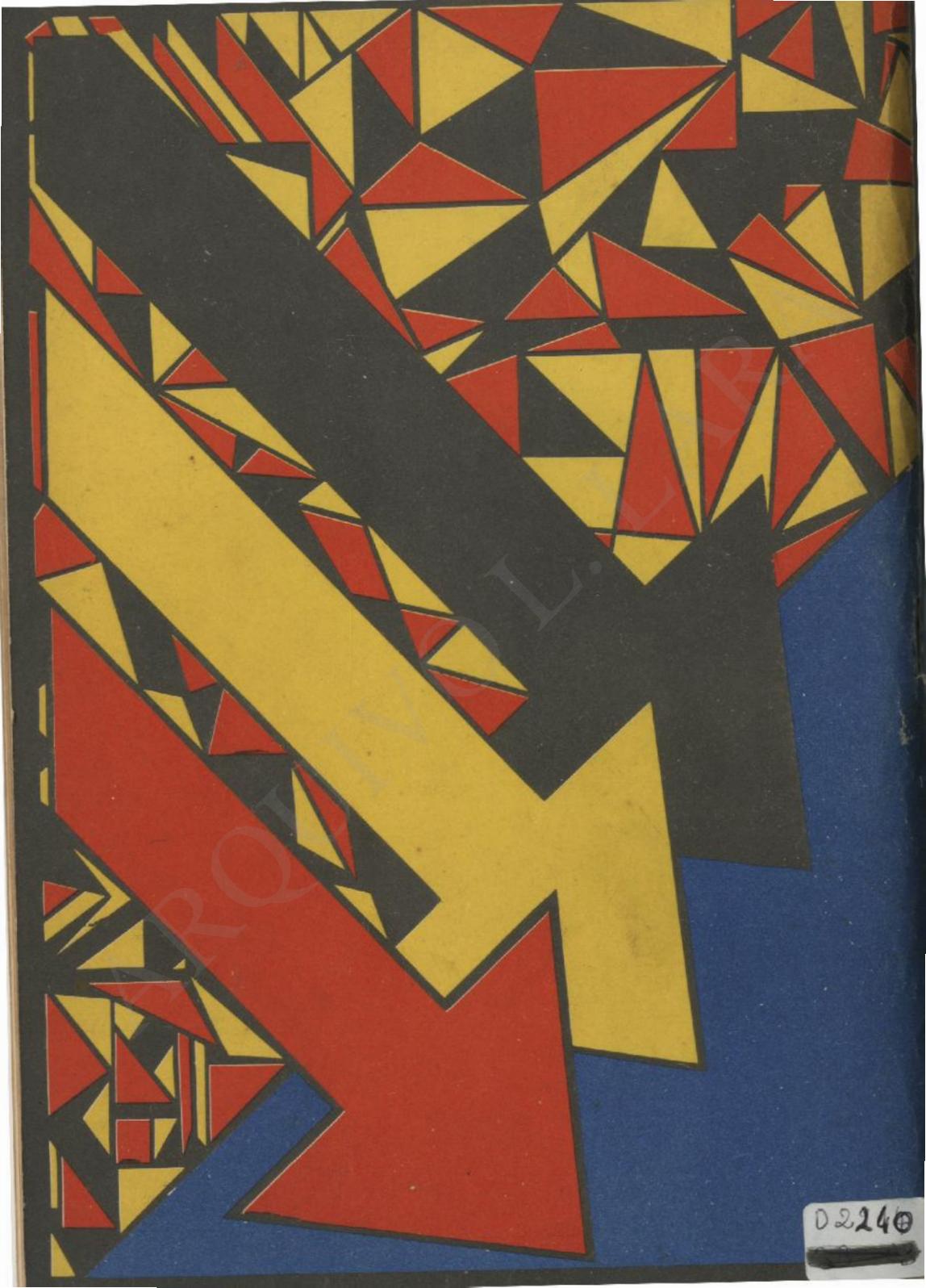
REGULAMENTO DOS ÓRGÃOS DO M.P.L.A. NAS  
FORÇAS ARMADAS DA R.P.A. — Classe (Interna)

AGOSTO 1975  
A Assembleia de constituição das classes F.A.P.L.A.

GUIA DO COMISSARIO POLITICO

DEVERES DOS RESPONSÁVEIS E ORGANIZADORES  
DOS F.A.P.L.A.





D2240